

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

MARINA RODRIGUES MACIEL

A VIDA DE UMA MULHER DA PERIFERIA

**Desafios e trajetórias historicamente semelhantes em uma metrópole
segregada: Porto Alegre/ RS**

**PORTO ALEGRE
2021**

MARINA RODRIGUES MACIEL

A VIDA DE UMA MULHER DA PERIFERIA

**Desafios e trajetórias historicamente semelhantes em uma metrópole
segregada: Porto Alegre/ RS**

Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso
de Geo Ciências da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como parte da
avaliação necessária à obtenção do título de
Graduada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Luisa
Zeferino Pires

BANCA:

Dra. Michele Lindner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Geociências
Departamento de Geografia

Me. Lara Machado Bitencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS)

**PORTO ALEGRE
2021**

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues Maciel, Marina
A VIDA DE UMA MULHER DA PERIFERIA - Desafios e trajetórias historicamente semelhantes em uma metrópole segregada: Porto Alegre/ RS / Marina Rodrigues Maciel. -- 2021.
79 f.
Orientadora: Cláudia Luisa Zeferino Pires.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Geografia Humana. 2. Geografia Feminista. 3. Geografia de Gênero. 4. Corpo Território. I. Zeferino Pires, Cláudia Luisa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa para quem irá o meu agradecimento é a minha mãe, Elisabete. Tudo que tenho na minha vida devo a ela, sua força, seu caráter e o seu amor me ajudaram a ser uma pessoa melhor. Uma funcionária pública que trabalhou quase 30 anos e nunca deixou faltar nada na minha vida: obrigada por tudo mãe.

Agradeço imensamente aos meus avós, Maria e Nicanor, que vão estar para sempre vivos na minha memória, por terem me dado tanto amor, carinho e cuidado. Vocês me acompanham todos os dias em meus pensamentos e estão guardados no meu coração, em um lugar que ninguém vai tirar e espero que em algum momento possamos nos reencontrar.

Agradeço à minha prima linda, Mariana, que sempre cuidou de mim e me apoiou. Um ser humano incrível, espero um dia ser como você Mari.

Agradeço às minhas tias Eliane, Eliete e ao meu tio Sérgio, por acreditarem em mim e me ajudarem em tudo que eu preciso, amo vocês!

Agradeço às minhas amigas que sempre estiveram lá quando precisei de ajuda.

Agradeço ao Daniel por ter me apoiado durante todo o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço à minha orientadora Cláudia, pela paciência, consideração, disponibilidade e apoio no desenvolvimento deste meu trabalho.

Agradeço aos meus colegas, que me acompanharam durante todos esses anos de estudo no curso de graduação em Geografia, aprendi muito com vocês.

E finalmente agradeço a todos os professores que me auxiliaram da melhor forma que puderam antes mesmo do ensino fundamental, até os dias atuais. Vocês contribuíram para a formação do ser humano que sou hoje. Obrigada por tudo, de verdade.

RESUMO

O principal tema deste trabalho é elaborar um estudo mais específico em relação à luta das mulheres da periferia da cidade e como essa ressignifica as trajetórias de vida dessas e asseguram melhores condições, mesmo com os desafios que enfrentam nesses locais. Mostrar as diversas semelhanças entre elas e como culturalmente a organização da sociedade afeta suas realidades. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, a literatura foi fundamental para ter um recorte específico das mulheres periféricas no Brasil e mais precisamente na cidade de Porto Alegre, destacando as barreiras sociais que elas enfrentam. Junto ao estudo da geografia feminista e de gênero, ressaltando o espaço desigual e explicando as especificidades das mulheres, mostro como essas interferem no cotidiano feminino, ao explicar as diferenças da mulher periférica e da mulher com privilégios. Ao analisar os dados qualitativos e quantitativos, entendemos o quanto a miséria e o racismo estão diretamente relacionados à exclusão e como as vidas dessas mulheres periféricas assemelham-se. Para isso, foi realizado um mapa-narrativa, que descreve a trajetória de vida de uma mulher periférica, chamada Rozeli da Silva, moradora da cidade de Porto Alegre, o qual foi embasado principalmente pelo trabalho de campo. Neste, foi realizada uma entrevista presencial com Rozeli. Ao analisar as diversas questões da mulher periférica, conclui-se que o caminho mais coerente para minimizar tal cenário segregado, seria um maior estudo e investimento nas políticas públicas, considerando a relação das mulheres com o seu território e assim construindo um espaço menos desigual.

Palavras chaves: Mulheres. Periféricas. Luta. Trajetória. Mapa-Narrativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de uma menina negra moradora da Rocinha mostrando seu olhar que mais parece de reflexão	08
Figura 2 – Fotografia que demonstra a individualidade de uma mulher moradora da favela, com um olhar mais distante e singular.....	08
Figura 3 – Localização do bairro Restinga no município de Porto Alegre	13
Figura 4 – Foto de Maria Carolina de Jesus: mulher forte e resiliente sobrevivendo em uma grande metrópole	22
Figura 5 – Rozeli da Silva	25
Figura 6 – Cena do filme “Sonhos roubados”	26
Figura 7 – Antonieta de Barro	36
Figura 8 – Dandara dos Palmares.....	37
Figura 9 – Carolina Maria de Jesus.....	38
Figura 10 – Rozeli da Silva realizada com o seu projeto, mostrando seu sorriso e fazendo a diferença na vida de tantas pessoas	40
Figura 11 – Obra Meninas da Esquina, retratada no filme: “Sonhos Roubados”	41
Figura 12 – Local onde os moradores de rua permaneciam, na zona central da cidade (Viaduto Otávio Rocha) antes de serem retirados. Mostrava a indiferença da sociedade e o descaso do estado com a população marginalizada.....	43
Figura 13 – Um exemplo de um espaço segregado, longe das zonas centrais, onde a miséria se faz presente. Localizado na Vila das Laranjeiras, no bairro Morro Santana em Porto Alegre	44
Figura 14 – Mapa sobre a distribuição de brancos e negros nas regiões do Brasil: Ressaltando que na região Sul a população branca é muito maior que as demais partes do país.....	47
Figura 15 – Vila Ilhota - Uma das primeiras “Vila das Malocas” que foi deslocada para o bairro Restinga em Porto Alegre	49
Figura 16 – Vila Santa Luzia, fundada em 1943. Mais uma comunidade que foi afetada pela política de higienização social, fazendo parte da construção da Restinga (Porto Alegre).....	49
Figura 17 – Rozeli da Silva.....	53

Figura 18 – Corredor principal.....	56
Figura 19 – Ginásio	57
Figura 20 – Cinema.....	58
Figura 21 – Sala de aula	59
Figura 22 – Refeitório.....	60
Figura 23 – Sala da treino	61
Figura 24 – Sala de informática.....	62
Figura 25 – Biblioteca.....	63
Figura 26 – Tarefa realizada com crianças	64
Figura 27 – Rozeli demonstrando claramente a sua felicidade e satisfação ao estar junto das crianças e adolescentes que ela tanto auxilia no dia a dia da ONG. Uma ação social que junta aprendizado com arte, cultura e valores sociais. O seu sorriso diz tudo.....	66
Figura 28 – Trajetórias: Luta e Resistência de Rozeli – Bairro Restinga	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A POBREZA NO BRASIL.....	15
2.1 Narrativas que se entremeiam.....	16
2.2 Cenário de Porto Alegre	20
3 POSIÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE (FEMINISMO, GEOGRAFIA FEMINISTA E GEOGRAFIA DE GÊNERO) E NO TERRITÓRIO.....	27
3.1 Diferentes Feminismos e Territórios Desiguais	29
4 A MULHER PERIFÉRICA E O RACISMO	33
4.1 Quadro Quantitativo.....	33
4.2 Análise do Quadro Quantitativo - Mulher Negra e Pobre.....	35
5 REALIDADE SOCIAL – OPINIÕES E EXPERIÊNCIAS	38
6 O LUGAR DE PERTENCIMENTO DE ROZELI: O BAIRRO RESTINGA.....	46
6.1 Processo de Formação do Bairro Restinga (Higienização Social).....	48
6.2 Dados Quantitativos da população Restinga	52
7 DADOS QUANTITATIVOS DA POPULAÇÃO DA RESTINGA.....	53
8 ROZELI: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA NO TERRITÓRIO	65
8.1 A Geografia de mulheres e suas relações espaciais	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	74

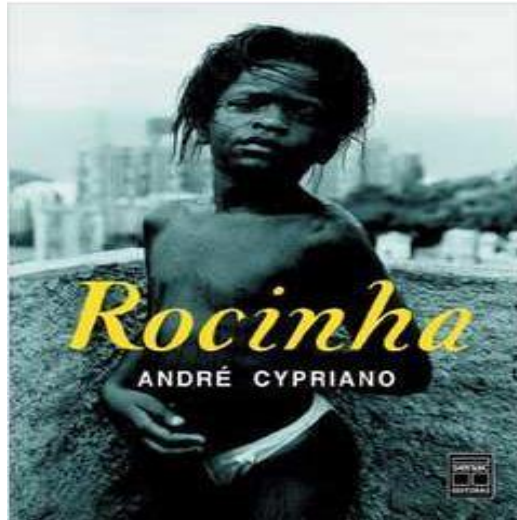
1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo, na minha trajetória de vida, muitas questões sociais já chamavam a minha atenção e eram para além de um simples interesse. Aos 12 anos, no ano de 2006, andando pelas ruas do Rio de Janeiro com a minha mãe, me deparei com a face da miséria, ao passar por moradores de rua deitados na calçada, por crianças ou pré-adolescentes que pareciam ter a minha idade, porém, alguns muito debilitados, com fome, que demonstravam já não ter nenhuma perspectiva mesmo sendo tão novos. Não conseguia aceitar o fato de crianças, mulheres e pessoas em geral estarem naquela situação.

Por ter o privilégio de ter viajado ao Rio de Janeiro desde criança, adquiri um sentimento muito forte por esse lugar, porém, testemunhava algumas situações difíceis, e já começava a entender que até mesmo a chamada “cidade maravilhosa” poderia ser também muito violenta e excludente.

Observava muito as favelas também, já que passávamos de ônibus ou a pé bem perto delas. Em uma galeria, encontrei uma obra que mostrava fotos da Rocinha, uma das maiores favelas do país, um livro de fotografias reais e profundas, que, quase sem nenhum texto, realçava bem a realidade dos seus moradores e das mulheres periféricas que viviam em situações precárias e muitas ainda mantinham um sorriso no rosto ou um olhar marcante. Até hoje guardo com muito carinho essa publicação. A seguir apresento duas imagens do livro da *Rocinha* (Figura 1 e Figura 2), onde há uma criança negra e uma mulher negra, moradoras favela:

Figura 1 - Imagem de uma menina negra moradora da Rocinha mostrando seu olhar que mais parece de reflexão



Fonte: Capa da Obra de Fotografias: Rocinha, André Cypriano 2005.
Disponível em: <<https://30porcento.com.br/livro/8573594314-Rocinha>>.

Figura 2 - Fotografia que demonstra a individualidade de uma mulher moradora da favela, com um olhar mais distante e singular



Fonte: Disponível em: <<https://alchetron.com/Andr%C3%A9-Cypriano>>.

Chamou-me a atenção, pois em Porto Alegre, no ano de 2006, os problemas sociais não me pareciam tão explícitos como no Rio de Janeiro. Favelas, barracos, moradias extremamente humildes, pessoas em situação de rua, crianças passando fome, nos mostram o quanto a produção do nosso espaço é desigual, com prédios luxuosos localizados perto de favelas, ou moradias precárias em locais afastados de grandes centros. Uma segregação sócio-espacial, um território de exclusão.

O mestre da geografia, Milton Santos, afirma que o principal objeto de estudo dessa ciência é o espaço geográfico, que significa toda alteração que o ser humano faz no espaço, transformando-o. Para entendê-lo melhor, fazemos recortes, fragmentações, e assim estudar as características daquele determinado território. Nos quais, as vivências, memórias, experiências das pessoas, “leis das ruas”, a urbanização, o capitalismo, relações de poder: todos esses aspectos também caracterizam um espaço fazendo parte da sua construção social, pois explicam como ele se encontra da forma que está e assim entendemos mais a nossa realidade e a de tantos brasileiros.

A escravidão dos negros no Brasil iniciou em 1550 e teve o seu “fim” no ano de 1888, portanto, foram mais 300 anos em que a comunidade negra viveu em uma absoluta situação de exclusão, violência, humilhação e descaso por conta da sua cor. A partir de 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea e a sua libertação, uma nova história passou a ser contada no país, sendo este o último das Américas a tomar tal medida. Muitas das questões sociais e culturais referentes à população marginalizada atual tiveram influência desta tão falada lei, pois, quando se oferece a liberdade a um determinado povo que não possui trabalho, moradia, condições de se manter, ou seja, quando em um papel está escrito que não se tem mais responsabilidade sobre ele, você o deixa abandonado a própria sorte, passando fome, frio, preconceito, obrigando alguns a morar na rua, trazendo à tona a miséria e aumentando a sua invisibilidade.

A Lei Áurea não melhorou a vida daqueles que foram escravizados, visto que nosso país não investiu em uma política de retratação e nem em uma reparação histórica em relação à população negra. Ainda, é importante destacar que vieram para o Brasil, do século XVI ao XIX, cerca de quatro milhões de escravizados (homens, mulheres e crianças). Nesse sentido, observamos que ao longo de nossa história, as políticas públicas não foram e não são prioridade. No entanto, as políticas públicas bem efetuadas são fundamentais para que a nossa sociedade

adquirir algum avanço nessas questões sociais e que diminua as desigualdades. Contudo, sabemos que na prática não há um grande interesse em diminuir a miséria ou de criar políticas de inclusão para pessoas que mais precisam. O trabalho deve ser fiscalizado e levado a sério, pois são de vidas que estamos falando.

Em certo período da história econômica, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, os chamados países subdesenvolvidos, como o Brasil, tinham o objetivo maior de impor o crescimento que já existia nos países industrializados. Esse planejamento na época precipitado pode ter contribuído para as diversas dificuldades sociais que hoje enfrentamos. Ao tentar incluir a mesma lógica econômica, em lugares que possuem diferenças gritantes: onde as suas origens diferem-se muito das nossas, suas culturas e realidades distantes, mostram um poder aquisitivo muito maior, não parece algo coerente a ser feito. Segundo Milton Santos em *Pobreza Urbana* (2013), esse planejamento contribuiu direta ou indiretamente para o agravamento de um problema social. A urbanização, industrialização, modernização, explosão e pressão demográfica e êxodo rural também são questões que explicam em parte a realidade que vivemos hoje.

Quando falamos de miséria, cultura de exclusão, preconceito, não há como deixar de falar sobre o racismo, o machismo e o lugar que a mulher ocupa em nossa sociedade. É sabido que a mulher tinha como função casar cedo, cuidar do marido dos filhos, da casa e ter um comportamento exemplar e conservador para não “manchar” a honra da sua família. Só pode votarem em 24 de fevereiro de 1932, quando foi sancionada a lei que assegurava o voto das mulheres, mas apenas casadas com autorização do marido, viúvas ou mulheres solteiras com renda própria. Somente em 1946 o voto feminino passou a ser obrigatório.

E como viviam as mulheres periféricas, as mulheres negras, indígenas, analfabetas, por exemplo, cujos homens as abandonavam deixando-as viver na miséria cuidando dos seus próprios filhos? A mulher sem voz. Sem auxílio do Estado. A mulher periférica era invisível aos olhos de muitos, porém, essa realidade está sendo transformada.

É pensando nessas questões que o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (publicado na década de 1960) me trouxe indagações para pensar esta monografia. Esta obra é uma prova de que a falta de ações concretas do poder público culminou em uma espécie de segregação social e racial. As pessoas de condições econômicas um pouco melhores comparadas àquelas que viviam nas

ruas, construíam suas próprias casas, barracos, e tentavam sobreviver como podiam. Carolina, mulher, negra, com três filhos, catava lixo nas ruas da cidade de São Paulo, na favela de Canindé, para conseguir manter-se, e até seus cadernos e diários usados para escrever sua história, foram retirados do lixo por ela. Passava fome, era ofendida diversas vezes por ser negra e pobre, possuía dificuldades para arranjar trabalho e a sua principal preocupação era a de alimentar os seus filhos (JESUS, 1960). Hoje essa favela não existe mais, contudo, a sua contribuição para o Brasil continua mais viva do que nunca e as suas frases atravessam o país inteiro. Suas falas também descrevem a tamanha alienação de alguns brasileiros em relação à população marginalizada. O livro foi escrito em meados dos anos 50 (século XX) e conta de uma forma bem nítida e objetiva o cotidiano das pessoas pobres no país. Atualmente, na cidade de Porto Alegre, esse fato não é diferente.

Por isso, neste trabalho, mostro como a cultura de exclusão influencia diretamente na vida da população marginalizada e como a falta de políticas públicas agrava mais essa realidade, aumentando a miséria e o preconceito, contudo, também quero mostrar a persistência, a resistência e a resiliência das mulheres ao tentar mudar essa realidade.

Assim pensando nas trajetórias de vida das mulheres periféricas, ressaltando as suas importantes semelhanças existentes elaboro a seguinte pergunta: As trajetórias de vida das mulheres periféricas possuem aspectos semelhantes? E se sim, como se explica a sobrevivência dessas em uma sociedade que as exclui e as invisibiliza?

O principal objetivo desse trabalho de conclusão de curso é:

Analisar como a luta da mulher da periferia da cidade ressignifica sua trajetória de vida e assegura melhores condições, mesmo com as dificuldades que enfrenta nesses locais. Mostrar as tantas semelhanças entre as mulheres periféricas e como culturalmente a organização da sociedade afeta seus quadros.

Objetivos Específicos:

- Analisar a importância do papel da mulher na organização sócio espacial na cidade e situar a importância dos estudos de gênero na geografia.
- Apresentar o contexto da pesquisa do bairro Restinga, como a sua origem e panorama atual com relação ao perfil da população feminina do bairro-renda escolaridade-cor.

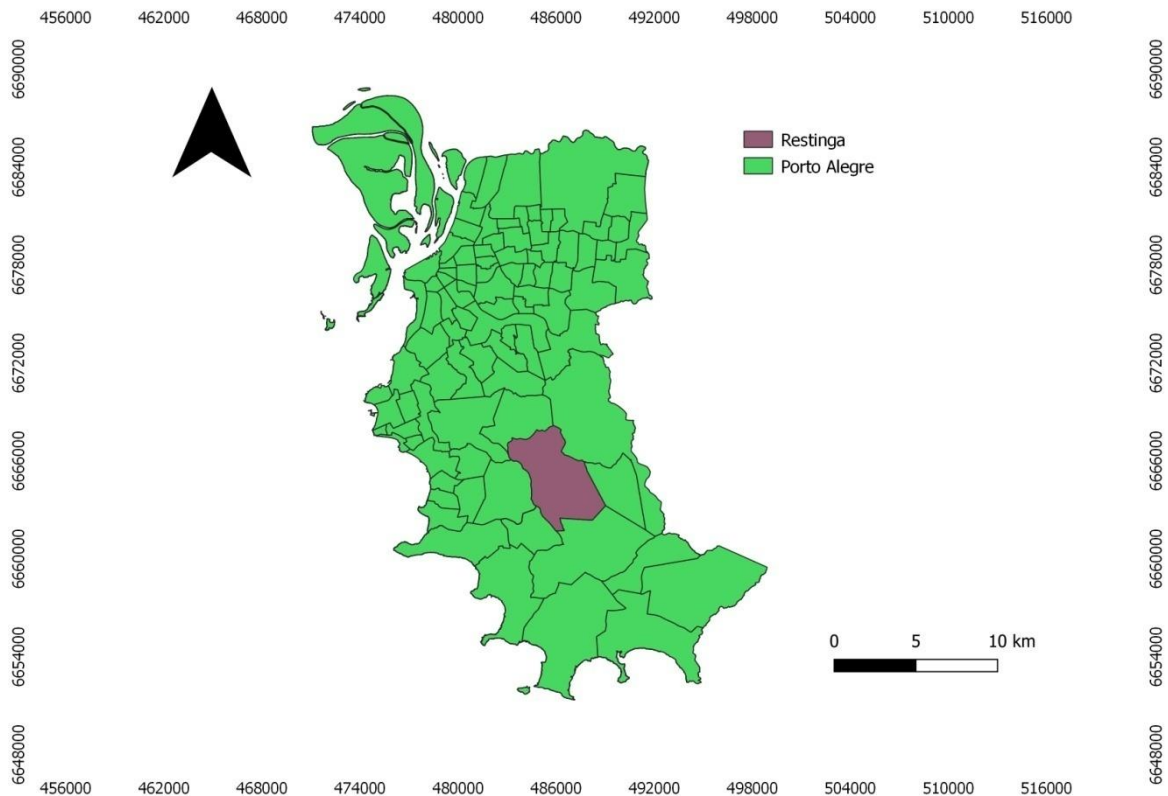
- Demonstrar a importância da história de vida para consolidar redes de apoio mútuo entre as mulheres com o território.

Como resultado da falta de um cuidado maior com a população marginalizada, houve um crescimento da desigualdade social, que poderia ter sido evitado. Assim é possível perceber através da obra “Meninas da Esquina”, de Eliane de Andrade, que em meados dos anos 2000, mulheres que presenciaram e sofreram, desde a infância, as consequências do cenário injusto que ocorre neste país. Todas de classe baixa, moradoras de centros urbanos, faveladas ou não, que relatam sua realidade dura, algumas delas sendo ainda menores de idade. Seis jovens (idade entre quatorze e vinte anos), relatam em seus diários, ora escritos, ora gravados (este último pela dificuldade em saber ler e escrever), contando as suas trajetórias de vida, alternando momentos muito difíceis (fome, abusos) e momentos gratificantes, como conseguir comprar um presente para a sua filha, por exemplo.

Sendo assim, com base na literatura: *Quarto de Despejo* e *Meninas da Esquina*, obras nas quais se destaca a figura feminina com suas características e problemas sociais comuns (fome, miséria, machismo, violência, infância negligenciada entre outros), procurei encontrar na cidade onde moro, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), uma mulher periférica que representasse às descritas nas obras e existentes em todo o Brasil.

Para discutir esta temática na Geografia, minha inspiração relaciona-se com a trajetória de vida de Rozeli da Silva, moradora do bairro Restinga, da cidade de Porto Alegre. Mesmo com muitas dificuldades, ela conseguiu ultrapassar barreiras e hoje é um exemplo para muitos. Mulher negra e pobre, que por sair de casa muito cedo, trabalhava em troca de comida, limpando casas, segundo a entrevista que fiz com ela, no ano de 2021. Abaixo uma imagem da localização do bairro Restinga:

Figura 3 – Localização do bairro Restinga no município de Porto Alegre



Fonte: Imagem produzida pela autora (QGIS, 3.6), 2021.

Reforçando ainda mais o conteúdo do trabalho, tenho algumas obras de Milton Santos, que se referem à pobreza, à produção desigual do espaço e alguns textos feministas de diversos autores (as).

O desenvolvimento desse trabalho tem como enfoque principal construir uma análise do papel da mulher no território. Com base nisso, serão analisadas obras literárias que relatam cotidianos de diferentes mulheres, assim como vamos apresentar a narrativa de uma mulher muito importante para a cidade de Porto Alegre, do bairro Restinga – Rozeli da Silva. Para obter seu ponto de vista, realizei uma pesquisa de campo e me desloquei até a Restinga para conhecê-la, entrevistá-la e entender melhor as barreiras sociais que ela enfrentou, e como foi para ela elaborar um projeto social fundamental na comunidade em que ela vive que altera vidas de crianças e adolescentes, fazendo com que as perspectivas dessas ultrapassem as expectativas.

Com base na análise das obras literárias e entrevista qualitativa é que construímos uma discussão importante sobre gênero e geografia. Durante a

entrevista (que foi presencial, seguindo os protocolos de segurança frente à pandemia da COVID 19), foi fundamental a entrevistada ficar à vontade. Como por exemplo, falar o tempo que precisar, podendo escolher os assuntos e não apenas responder perguntas de forma técnica. No momento da entrevista é importante ter cuidado, respeitando o espaço e o tempo do entrevistado ao longo de todo o processo, muitas vezes evitando perguntas que possam ser consideradas por ela invasivas.

Através da entrevista com Rozeli, realizada em 17 de junho de 2021, no bairro Restinga/Porto Alegre, em um trabalho de campo, ela me descreve ruas e lugares que tiveram importante significado da sua história com o bairro Restinga, e assim eu realizo um mapa-narrativa. Abaixo a descrição sobre este conceito:

A compreensão desses referenciais espaço-temporais, repletos de significados, deu-se através da análise do mapa concomitante com a revisão de narrativas desses moradores gravadas e anotadas no contexto de elaboração desse. Essas narrativas dão significado a cada símbolo expresso no mapa a partir de experiências individuais e coletivas, por isso chamamos de mapas-narrativas (PIRES, PAULA E BONETTO, p. 51, 2016).

(...) expressam o movimento de construção e transformação do bairro. Representam cotidianos no espaço, situados no tempo (PIRES, PAULA E BONETTO, p. 51, 2016).

Desenvolvo este mapa ilustrando a trajetória de Rozeli, com o uso de símbolos (residências, profissão, espaço de acolhimento que ela criou), a fim de mostrar a identidade territorial que ela desenvolveu com o bairro Restinga.

O grupo mais vulnerável que sobrevive nas cidades atualmente sente de forma mais acentuada o descaso da sociedade. Trata-se daqueles que vivem em situação de rua, os quais sofrem de forma semelhante, há décadas, como se o tempo não tivesse passado e os erros se repetem. Tais fatos como a fome, moradia digna e a falta de oportunidades foram por mim observadas em um trabalho de campo que fiz no ano de 2019 nas ruas da cidade de Porto Alegre, assim como, no restante da população que foi citada, em períodos diferentes, que ainda vivem em condições de grandes dificuldades.

2 A POBREZA NO BRASIL

Processos históricos, como o abuso e exploração do Brasil advindo principalmente do imperialismo do continente Europeu, no processo de colonização, a abolição da escravidão (1888), a falta de políticas públicas ocasionando segregações, e aumentando ainda mais a exclusão de negros e índios na sociedade brasileira, podem começar a explicar a origem da pobreza no nosso país e tantos outros fenômenos sociais que existem por aqui.

A obra *Pobreza Urbana*, de Milton Santos, publicada em 1978, trata de temas muito importantes que agregam o conhecimento de forma indispensável e que me ajudaram no desenvolvimento deste trabalho. Milton Santos fala sobre economia, urbanização, modernização e como esses dois últimos afetaram e intensificaram as questões sociais, dentre elas a pobreza. Definir o que é a pobreza abrange uma enorme complexidade. Milton Santos criticava a forma de como os estudiosos faziam isso, pois usavam questões muito vagas, comparações frágeis ou somente estatísticas. De acordo com Santos, usar apenas termos estatísticos para explicar a pobreza não expressa a realidade; e resumí-la apenas por dados, sem acrescentar ideias fundamentais, não parece viável:

O aparelho estatístico é prisioneiro de uma noção geral que não está de acordo com a realidade. Outro inconveniente provém do fato que atualmente dá-se muito mais atenção do fenômeno das favelas do que mesmo a situação da pobreza como um todo. Essa preferência aparece claramente nos resultados estatísticos que, frequentemente, são de interesses mais antropológico ou puramente econométrico¹ do que sócio econômico. Contudo, seja qual for a motivação o resultado é o mesmo: o empobrecimento da pesquisa e uma tendência para distorcer a compreensão global das realidades do mundo “marginal” (SANTOS, 2013, p.16).

Portanto, definir se tal cidadão está na linha da pobreza por aumentar ou diminuir seu consumo/compra, partindo da opinião de Santos não é o correto. Pois, segundo ele, como dizer se o indivíduo está pobre ou menos pobre comparado há 10 anos, por exemplo, se suas necessidades são diferentes? A pobreza também está ligada à sua satisfação pessoal. A miséria, como consta na obra, é quando o cidadão não consegue realizar suas necessidades básicas.

Conforme ensina Santos:

¹Econométrico (medir a economia de forma quantitativa).

o termo pobreza não só implica um estado de privação material como também um modo de vida – e um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais, econômicas, culturais e políticas criadas para encontrar segurança dentro de uma situação insegura (...)” (BUCHANAN, apud SANTOS, 2013, p. 19).

Segundo o IBGE, no ano de 2019, quase 52 milhões de brasileiros viviam na linha da pobreza com renda de até R\$ 436 por mês, de acordo com o Banco Mundial. E na extrema pobreza são mais de 13 milhões de cidadãos que viviam com até R\$ 151 por mês. Como é possível viver com até 151 reais por mês, se na primeira ida ao mercado na semana tentando economizar um cidadão comum gasta em torno de 100 reais? Essa conta não fecha, chegamos num ponto em que os brasileiros precisam escolher qual refeição podem fazer por dia, isso quando conseguem o suficiente. Conforme essa mesma pesquisa, no ano de 2019 a mulher pobre e preta sofreu mais ainda, já que dentre delas 39,8% eram extremamente pobres e 38,1% eram pobres. Vivemos em um país em que pessoas se negam a enxergar esse fato, provavelmente por não afetarem suas vidas diretamente. Em certos momentos, até fui hostilizada por ter a vontade de estudar mais sobre esses determinados assuntos e compreender melhor a realidade brasileira, contudo, hoje vivemos o início de um processo de conscientização, notório pelas redes sociais e mídia, instigando a reflexão.

2.1 Narrativas que se entremeiam

Como mulher, morando em uma metrópole segregada, e por ser descendente de negros e índios, identifico-me muito com a área social. Com o passar do tempo, passei a perceber um preconceito étnico e racial muito presente na cidade em que vivo.

A discriminação no Brasil tanto racial como de classe, ocorre há muito tempo, e pode ser uma ação velada ou explícita. É algo cultural. Olhares, medo, agressões verbais e físicas contra os negros, pobres, índios, não podem ser considerados um caso isolado. Portanto, escolhi esse tema para provar que a exclusão neste país é sim cultural, permanecendo em nossa sociedade e alterando milhares de vidas. Chamou-me a atenção uma questão mais forte ainda: quando se é mulher, pobre e negra, a exclusão é maior ainda. Já que segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de

2019 as mulheres negras e pardas no ano de 2018 ganhavam em média o equivalente a 58,6% dos salários das mulheres brancas para uma mesma ocupação. E essa mesma pesquisa indica que a população analfabeta era de 11,3 milhões. A mulher negra e parda no Brasil expressava analfabetismo quase 3 vezes maior do que a branca.

Carolina, mulher com três filhos, se virava do jeito que podia para não passar fome, catando lixo e às vezes dependia da ajuda de terceiros. Saiu da sua casa em Minas Gerais e foi para São Paulo, com muita dificuldade viveu na favela de Canindé por um bom tempo, criando os seus filhos, sozinha (JESUS, 1960).

A vida de Rozeli da Silva é muito parecida com a da escritora Carolina. Na entrevista que me concedeu no seu espaço de acolhimento chamado “Renascer da Esperança”, Rozeli descreve momentos os difíceis que passou, como, por exemplo, quando saiu de casa aos nove anos, sendo obrigada a morar na rua. Em um determinado momento teve uma breve passagem na FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), que hoje, no estado do Rio Grande do Sul chamamos de FASE. Rozeli fugiu, conheceu um homem e engravidou aos 12 anos. Sofria diversas agressões por parte de seu companheiro. Ou seja, negra, pobre que não tinha muito estudo assim como Carolina Maria de Jesus, não teve ajuda dos órgãos públicos e lutou muito para ter uma vida melhor. Rozeli, após alguns anos limpando casas em troca de comida ou de uma pequena ajuda de custo, ouviu um conselho de uma patroa que a incentivou a prestar um concurso público no DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana), tendo alcançado a vaga. Quando mais velha já tinha tido outros filhos e sofreu novamente agressões e abusos do segundo marido.

Contudo, nunca perdeu a sua força (ou esperança). Cansada de ver crianças nas ruas pedindo dinheiro ou comida, resolveu fundar a ONG “Renascer da Esperança” para ajudar as crianças e adolescentes vulneráveis como ela já foi um dia. Uma ação social exemplar, eficiente, que substitui uma política pública, onde há oficina de teatro, instrumentos musicais, coral, dança, balé, libras artes, pintura e escultura, informática, futebol americano, costura, culinária, capoeira, jardinagem, entre outras atividades que contribuem consideravelmente na vida dessas crianças e jovens da cidade de Porto Alegre.

Outra contribuição social significativa como a de Rozeli, foi o desenvolvimento da obra *Quarto de Despejo*, nela há depoimentos fortes e necessários. Nesta há uma aula sobre a favela, abandono paterno, o racismo e a fome em nosso país,

escrita por uma mulher negra e moradora da favela que tanto fez por sua pátria. Vidas tão parecidas que foram alteradas pelo preconceito cultural e a falta ou melhorias de ações necessárias, como políticas públicas, por exemplo. Mas que conseguiram mostrar seu papel e sua importância na sociedade apesar de todos os contras. As políticas públicas são ações dos órgãos públicos que eu defendo fortemente no meu trabalho. De acordo com Souza:

Não existe uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos (SOUZA p. 5, 2006).

Nos depoimentos das seis mulheres do livro *Meninas da Esquina* (3ª edição – 2010) de idades e cidades distintas, são visíveis as semelhanças e indicam novamente um problema cultural de desigualdade que ocorre nesse país. As seis histórias são muito parecidas umas com as outras e trazem experiências de vida impactantes que nos atinge emocionalmente. Os nomes são fictícios e as localizações não são específicas para não expor completamente suas vidas, pois há assuntos muito delicados. Mas é certo dizer que todas elas possuíam grandes dificuldades financeiras e moravam em favelas ou em outras habitações humildes.

O livro aborda a questão da infância negligenciada, já que muitas delas bem cedo tiveram que ir para as ruas alterando etapas e modificando suas vidas. É lamentável que o trabalho infantil não seja fiscalizado seriamente, como outros problemas que também não são nesse país. Perder a infância resulta muitas vezes em conflitos pessoais na vida adulta. Outro problema, como o abuso infanto-juvenil, é muito comentado na obra. As meninas sofreram muitas formas de abusos ao longo de sua infância e juventude, algumas delas muito novas, de parentes, conhecidos e não houve justiça ou nem se quer uma denúncia. Um dos momentos mais fortes do livro é quando uma das meninas admite que teria sido abusada pelo tio, mas que não ia denunciá-lo para não causar problemas com a família. Todas elas já foram agredidas fisicamente e emocionalmente por familiares ou pessoas de fora, e convivem com a violência diariamente, como assassinatos perto de sua vizinhança, tráfico e prostituição, segundo a autora da obra, Eliane de Andrade, enfatiza.

A educação também aparece como um assunto importante, pois todas elas possuíam muita dificuldade para concluir os estudos. Das seis, apenas uma tentava completar o ensino médio. Contudo, as outras cinco pararam no ensino fundamental ou médio. As meninas precisavam se alimentar, cuidar dos filhos e, na maioria das vezes, não havia tempo de ir para a escola.

Ainda, há depoimentos no livro *Meninas da Esquina*, que mostram que desde meados dos anos 2000 a educação pública já estava sendo sucateada, porque professores emprestavam dinheiro do seu próprio bolso para concertar alguns estabelecimentos do colégio, por exemplo, e estavam exaustos com tamanho descaso. Muitas delas já cometeram pequenos furtos ou outros pequenos crimes e foram parar na “FEBEM” ou na cadeia. Para conseguir se sustentar, a maioria se prostituía ou se envolvia no tráfico. Porém, admitiam que se tivessem um emprego largariam completamente essa vida, mas com a falta de estudo era difícil e ninguém as contratava. Portanto, o ciclo continuava porque precisavam sobreviver e não tinham ajuda dos órgãos públicos.

Já foram citadas questões como a miséria, famílias desestruturadas, violência sexual contra crianças e adolescentes, agressões físicas e verbais, educação negligenciada, ou seja, não é por acaso, que a obra possua em torno de 400 páginas, já que aborda praticamente todas as barreiras sociais que as mulheres precisam enfrentar neste país. O abandono paternal também é muito comentado, pois todas elas ou conviveram pouco ou sequer conheceram os pais. Eles praticamente não ajudaram na sua formação e nunca sofreram as consequências por isso.

Todas essas meninas não merecem nosso julgamento ou preconceito, são vidas humanas que precisam ser respeitadas. Elas são pessoas boas que só querem melhorar de vida, ter uma casa, um emprego, cuidar de seus filhos, contudo, a forma como este país funciona não oportuniza escolhas para elas. As meninas conseguem se distanciar dos problemas e se divertir quando vão para um espaço de acolhimento, dançando, ora costurando, tendo rodas de conversas, ou seja, trabalhos sociais que auxiliam as meninas da forma que podem.

2.2 Cenário de Porto Alegre

Enquanto a fome, que é um problema social comum e ainda continua de forma mais visível e agravada pela desigualdade espacial nos tempos atuais, percebemos hoje, que na cidade de Porto Alegre, há um número crescente de pessoas em situação de rua, pedindo alimento, ou buscando – muitas vezes – no lixo.

É mais comum ver pessoas de grupos voluntários auxiliando-os (conseguem levar comida, agasalhos, possibilidade de higiene e conforto pessoal) do que os órgãos públicos. Sendo esse último muito importante porque vai de encontro ao preconceito diário que acabam sofrendo, por pessoas que repetem a discriminação cultural que permanece há décadas. Esses serviços sociais que os grupos voluntários praticam são ações que substituem políticas públicas que tem efeito na vida dessas pessoas em situação de rua de forma que vão além das necessidades básicas. Essas afirmações podem ser resumidas de acordo com a citação abaixo:

Assim, esses sujeitos exercem no espaço da rua uma apropriação íntima a partir do próprio corpo, na qual corpo e rua formam um contínuo em seus cotidianos, com diferentes pontos que interligam seus trajetos: instituições governamentais que fornecem apoio, pontos de caridade, redes de assistência formadas espontaneamente, casas de familiares, etc. (FERNANDES, p. 202, 2021).

No ano de 2020, havia em torno de 3.850 pessoas morando nas ruas de Porto Alegre. Um aumento de 38,3% em relação ao ano de 2019, segundo a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania). A pandemia agravou seriamente as condições básicas dos cidadãos, proporcionando uma nova crise e conseqüentemente, aumentando a miséria.

Os moradores de rua estão espalhados pela cidade, porém, possuem pontos específicos onde eles circulam com “certa liberdade” do que outros, podendo dormir por exemplo. A cidade de Porto Alegre pode ser considerada um espaço urbano individualista e desigual, onde ocorrem ações que dificultam ainda mais a vida de pessoas que vivem rua, como uma política de afastamento dos moradores de rua e da população marginalizada em geral e essa ação é explicada melhor nos próximos capítulos. No ano de 2018 moradores de rua que se localizavam no centro urbano da cidade, no Viaduto Otávio Rocha, na Avenida Borges de Medeiros, foram

retirados desse local a mando da prefeitura de Porto Alegre (BARROS, Jornal Já, 2018). Sem deixar de comentar das pedras e blocos de concreto que tentam impedir que os moradores de rua fiquem em um determinado ambiente, segundo a reportagem do jornal do Grupo Zero Hora, de Tiago Boff, do ano de 2021. Isso, segundo a minha observação, se configura numa ação violenta e desumana que nada agrega para a cidade, além de realçar o preconceito para com essa população que por muitas vezes é invisibilizada.

A mulher moradora de rua, mesmo sendo em menor número, já que prevalecem os homens entre os moradores de rua (CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social, 2019), sofre ainda mais, podendo ser violada de diversas formas, precisando na maioria das vezes circular com algum indivíduo ou em grupos para se proteger da violência da sociedade.

Ao participar de uma palestra no ano de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, chamada: Grupos de Mulheres em Situação de Rua “Marielle Vive” - ouvi relatos de uma mulher que era moradora de rua e viciada em drogas, mas conseguiu sair dessa situação e compartilhou alguns momentos difíceis e marcantes que passou e como refez sua vida. Sobre esse tema das vivências das mulheres moradoras de rua, Fernandes (2021) exemplifica:

Se a pretensão de nossas cidades, planejadas de maneira sexista, é a de que o espaço público seja de domínio dos corpos entendidos como masculinos, e aos corpos femininos reste o espaço privado, o que restaria, então às mulheres em situação de rua, ou, às donas sem casa? Ser mulher em situação de rua é disputar o direito de viver o espaço urbano e o próprio corpo em condições desiguais de gênero e de classe, no mínimo. (FERNANDES, 2021).

A desigualdade, a política de afastamento da população marginalizada em relação às áreas centrais da cidade, o espaço construído historicamente de forma segregada e a falta ações sociais concretas do poder público e da sociedade em geral para modificar esse cenário (fome, desemprego, falta de perspectiva e de oportunidades), podem explicar em parte o desenvolvimento da miséria e o número crescente de moradores de rua nessa cidade. Com isso, a cidade de Porto Alegre, em relação à região Sul, destaca-se de uma maneira negativa, em relação à desigualdade de renda. Enquanto que nacionalmente ocupa uma posição intermediária com um índice melhor do que dezesseis metrópoles (segundo a reportagem de Anderson Aires, do Grupo Zero Hora no ano de 2020).

Por isso acho tão importante os trabalhos que estudam o sujeito social, que tenham um objetivo mais focado nessa determinada área, dentro da geografia, pois é a partir dessa ciência que analisamos também o espaço e a sua construção, as ações humanas e suas trajetórias, as diferentes visões de mundo, culturas, identidades territoriais, formas de vida. Podendo assim encorajar outros trabalhos que ajudem a melhorar nossa sociedade de diversas formas, principalmente a partir da consciência.

Como já foi dito anteriormente, a obra *Quarto de Despejo* (1960) é uma inspiração para mim e uma das principais causas para seguir com a escrita dessa monografia. Após a sua leitura alguns anos atrás, pude me colocar mais no lugar de pessoas que passam fome diariamente e com muita dificuldade sobrevivem em uma sociedade cruel, injusta e racista. Carolina é uma influência fundamental para todos nós e deveria ser muito mais lembrada e homenageada. Abaixo uma imagem da escritora Carolina Maria de Jesus:

Figura 4 – Foto de Maria Carolina de Jesus: mulher forte e resiliente sobrevivendo em uma grande metrópole



Fonte: EL PAÍS, 2018 – Além da Favela.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/14/cultura/1521065374_369396.html>.

Suas frases me acompanham todos os dias:

“Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso uniforme dos indigentes. E hoje é sábado, os favelados são considerados mendigos.” (JESUS, 1960)

“Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Ele me respondia:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de preto mais iducado que o cabelo de branco (JESUS, 1960).

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 1960).

Todos esses relatos, depoimentos do dia a dia da vida da escritora nos mostram em parte como era a existência dos que passaram e passam fome neste país. Da voz que não é ouvida, da desigualdade escancarada e o desprezo em relação à pele preta, pelo pobre, pelo favelado. Carolina certamente não conseguia aceitar e obviamente nem deveria, o porquê desse ódio contra uma determinada cor de pele, a exclusão dos negros na sociedade, principalmente quando ela diz que “a natureza não seleciona ninguém”, ou quando diz que adora sua pele negra. Carolina sente orgulho de sua cor, mas sabe bem toda a dor e obstáculos que precisa ultrapassar para conseguir ao menos sobreviver na cidade grande.

Uma segunda inspiração foi um trabalho que fiz sobre os moradores de rua na cidade de Porto Alegre. Pude entrevistar pessoas que atuam no CREAS e diversos grupos voluntários que auxiliam pessoas nessa situação. Foi muito gratificante perceber que há sim voluntários que se preocupam em compartilhar alimentos e muitos outros utensílios com os moradores de rua. Contudo, não foi fácil ter o conhecimento de que a miséria está crescendo nesta cidade e que os órgãos públicos não fazem a sua parte, já que a política de higienização é habitual.

Ao saber da existência de Rozeli da Silva, mulher negra e pobre e com vivências muito parecidas como a de Carolina, resolvi procurar saber de sua história de vida, sendo assim, compreender melhor o papel da mulher no território. Eu a escolhi para ser é o corpo território deste trabalho, onde suas ações e a sua personalidade realizadas no espaço do bairro Restinga serão importantes para representar o que ocorre no presente, abaixo conceitos sobre o território e o corpo:

O primeiro território de toda criatura é o ventre materno: um mar salino de onde a criatura obtém seu alimento e satisfaz seus desejos. Com a ruptura do nascimento, o território do bebê se torna o corpo de sua mãe e, sobretudo, seu seio de amamentar. Desde aí, esse território que foi único e auto contido deve estabelecer relações e tomar substâncias de outros “territórios” [inclusive de outras espécies] (ECHEVERRI, 2004:263, grifo do autor) (HAESBAERT, 2020).

A abordagem que, principalmente a partir de uma perspectiva de gênero, enfatiza o território relacionado à escala primordial do corpo, o “corpo território”, proveniente principalmente de proposições de pesquisadoras feministas (ou eco feministas) e do movimento indígena, que atentaram para o poder da corporeidade ao mesmo tempo como objeto de exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência (HAESBAERT, 2020).

Os espaços onde Rozeli da Silva viveu partes de sua existência e construiu raízes: o seu corpo em movimento nos conta a sua história de vida, e descrevem a sua trajetória de resistência no bairro Restinga e como esses fatos contribuíram para que o seu sonho fosse nesse exato lugar, como o vínculo criado e a sua forte identificação por esse determinado território. O conceito de território segundo Souza (1995 apud FIGUEIREDO, p. 13, 2009):

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p.ex., uma rua) à internacional (p.ex. a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também ter uma existência periódica, cíclica (SOUZA, 1995, p. 81 apud FIGUEIREDO, p. 13, 2009).

“Nesse sentido, Haesbaert (2002, p. 121) afirma ser o território “ [...] produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados” (HAESBAERT, 2002, p. 121 apud FIGUEIREDO p. 13, 2009).

E segundo Haesbaert (p. 10, 2020) o que significa pertencer a um determinado lugar, já que Rozeli possui essa forte identificação com a Restinga:

Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição lugar. Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência (HAESBAERT, 2020).

A partir da metodologia do mapa narrativa foi possível indicar os lugares que Rozeli passou ao longo de sua vida no Bairro Restinga e compreender como estes lugares marcaram uma trajetória de resistência e resiliência. Suas experiências

mostram como a história de um país, construído com uma cultura preconceituosa, pode influenciar diversas outras pessoas e o porquê dessas serem tão parecidas com a de Carolina Maria de Jesus. A seguir uma imagem de Rozeli da Silva realizando o sonho da ONG “Renascer da Esperança”, com o número de crianças e adolescentes em ascensão, contribuindo para uma sociedade mais justa e digna:

Figura 5 – Rozeli da Silva



Fonte: Agência Tribuna União, 2018. Disponível em: http://www.tribunauniao.com.br/noticias/50581/rozeli_da_silva_a_mulher_que_foi_mae_aos_13_anos_e_hoje_tem_mais_de_300_filhos >.

O meu interesse em procurar saber mais sobre a vida de mulheres no Brasil aumentou muito principalmente após a leitura de *Meninas da Esquina*, de Eliane de Andrade. Sempre me interessei pelo cinema nacional e após ver o filme “Sonhos Roubados” (2010), informei-me que foi feito a partir da obra *Meninas da Esquina*. Então corri atrás e consegui ler o livro. A leitura não é fácil. São depoimentos fortes que mexem com o nosso emocional, contudo, é necessário para compreender o que diversas meninas passam nesse país principalmente pela falta de políticas públicas eficientes em que defendo muito no meu trabalho. É novamente uma prova do problema cultural que comentarei a maior parte do trabalho. Seis vidas diferentes e

com barreiras sociais quase idênticas. A fome, a dificuldade em prosseguir estudando, as diferentes formas de abusos, a violência familiar, o abandono paterno, gravidez na adolescência e a falta de perspectiva em um país que finge não as enxergar. Porém, mostrando mulheres que não desistem de sua luta e que persistem na busca de novos caminhos. Abaixo uma cena do filme brasileiro “Sonhos Roubados”, representando a obra Meninas da Esquina, da autora Eliane de Andrade:

Figura 6: Cena do filme “Sonhos Roubados”



Fonte: < <https://50anosdefilmes.com.br/2011/sonhos-roubados/> >.

3 POSIÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE FEMINISMO, GEOGRAFIA FEMINISTA E GEOGRAFIA DE GÊNERO E NO TERRITÓRIO

Ao analisar a mulher periférica levando em conta sua vivência, identidade, seu território, torna-se indispensável abordar o tema do feminismo, ligando a geografia feminista e a geografia de gênero. O feminismo segundo Aquino:

É um estudo interdisciplinar em constante construção que tem como base a constante luta contra a desigualdade de poderes entre os gêneros(AQUINO, 2021, p. 7).

O feminismo da mulher periférica é uma resposta necessária sobre experiências doloridas que se desenvolvem há muito tempo, culturalmente, afetando suas vidas e o seu papel na sociedade. Como o seu direito a saúde, educação, trabalho, segurança:

Conjuntamente, a identidade periférica se constitui como uma forma de territorialidade. Do qual, forma-se também o feminismo periférico, constituindo as identidades de resistências que unem essas Mulheres. (AQUINO, 2021, p. 13).

A geografia feminista surgiu nos anos 1970, apesar de chamar mais atenção na década de 80 e 90. A maior parte de seus estudos possui origem saxônica e influenciam até hoje as pesquisas sobre a relação da mulher no espaço, o seu lugar, sua importância e sua função nessa determinada ciência, mas não somente nela, buscando direitos iguais, já que sabemos que por muito tempo essa ciência foi branca heterossexual e masculina. As geógrafas feministas inicialmente relacionaram suas pesquisas com o pensamento marxista e o patriarcado e assim contribuíram muito para a reconstrução da análise espacial na ciência geográfica. Esse estudo se esquia da neutralidade que há muito tempo é imposta na geografia. De acordo com Silva (1998).

A Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. Entendo que o estudo da população, por exemplo, ainda é uma abstração mesmo considerando as classes que a compõem, se não considerarmos que esta é composta por pessoas que situam-se também na sociedade quanto ao gênero (SILVA. 1998, p. 108).

Em Paula e Pedroso:

A afirmação de que existe neutralidade científica, sobretudo nas ciências sociais, é por si só contraditória e bastante ludibriosa/. Acreditamos que a pesquisa implica sim em questões políticas, ou seja, em um posicionamento do pesquisador. A começar pela própria escolha do tema ser pesquisado, que não raramente diz respeito à personalidade de quem o pesquisa, seu modo de pensar, sua trajetória pessoal e profissional, suas vivências e valores que não se descolam de sua vida pessoal (apud PEDROSO, 2019). Por isso não cabe ao pesquisador manter indiferença científica para com a população estudada (PAULA, PEDROSO, 2020, p. 2).

Também em Paula e Pedroso:

Embora a geografia crítica tenha sim proporcionado uma revolução conceitual e empírica de nossa ciência - o que nos aproximou de debates sociais significativos - não podemos negar que muitos geógrafos tratam as questões acima colocadas como secundárias, estando a luta de classes como o principal tema sobre o qual a geografia deve se debruçar. Mas as práticas espaciais são empreendidas por sujeitos, pessoas que possuem um corpo, um corpo branco, negro; um corpo feminino, masculino, transgênero; magro, gordo, musculoso; sadio, doente, um corpo que se move sem limitações, um corpo debilitado, que não pode se mover (apud HOPKINS, 2018). Por isso, o espaço, como nos advertiu Rose (1993), não é transparente, tampouco uma superfície neutra (PAULA, PEDROSO, 2020, p. 7).

A geografia feminista busca repensar a forma que vivemos e trabalhamos, analisa e explora o espaço geográfico, nossas relações na sociedade, na esfera pública e privada, já que as mulheres ainda passam mais tempo na esfera privada e doméstica e o homem nos espaços públicos, assim Segundo Novaes (2021, p. 5):

Por sua vez, a construção das democracias ocidentais no século XIX veio apoiada numa conceituação específica de público e privado, articulando a esta, os papéis sexuais. O século XIX marcou deste modo, a divisão entre Estado e indivíduo privado, constituindo um espaço político inseparável do público, do qual, porém, foram excluídos as mulheres e os proletários (NOVAES 2021, p. 5).

Desta maneira, conforme ressalta Michelle Perrot (1995) o industrialismo capitalista fortaleceu a divisão entre produção e reprodução, situando a mulher especificamente na esfera doméstica que estabeleceu a figura da "dona-de-casa", encarregada da vida privada. O movimento deste período levou ao retraimento das mulheres em relação ao espaço público e à constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino (NOVAES, 2015, p. 5).

A geografia de gênero que é fruto da geografia feminista envolve não somente o gênero feminino como também o masculino, e estuda os papéis de ambos na construção do nosso espaço visando uma sociedade mais justa e igual:

O conceito de gênero faz referência a todas as diferenças entre homens e mulheres que foram construídas social e culturalmente e que condicionam relações de subordinação/dominação. (SILVA, 1998, p. 4).

Não podemos ignorar que nos dias de hoje a discussão de apenas dois gêneros (feminino e masculino) precisa ir além e incluir mais nas pesquisas geográficas temas sobre o corpo transgênero, corpo negro e qualquer corpo não branco. Os debates necessitam abordar inúmeras formas de sujeitos, como o de mulheres negras e pobres, de travestis, prostitutas entre outros. Pois como vamos estudar seriamente as relações na sociedade, se não integramos nessa busca todos que fazem parte dela?

O argumento desta perspectiva é que o gênero, construído permanentemente, é também produzido pela sua desconstrução, pois enquanto representação, o gênero se faz nas relações humanas, e o espaço é fundamental nesse processo de construção/desconstrução. (SILVA, 2010, p.6)

O estudo do corpo na geografia deve se relacionar também com a resistência, como um símbolo de força, uma forma de protesto em uma análise espacial.

É necessário salientar que os estudos da geografia feminista e de gênero no Brasil se iniciaram com a geógrafa Rosa Ester Rossini e novas pesquisas foram realizadas por outras geógrafas intensificando consideravelmente o tema como: Joseli Maria Silva, Maria Franco García, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Susana Maria Veleza da Silva entre tantas outras muito importantes.

3.1 Diferentes Feminismos e Territórios Desiguais

Existem tipos diferentes de feminismos, pois as individualidades de determinados grupos de mulheres envolvem múltiplas vivências, barreiras sociais, territórios desiguais, raça e etnia. E a classe social é um dos aspectos fundamentais para entendermos a constante violência que sofre a mulher periférica tanto pelo estado como pela vida cotidiana. Um dos fatores que separam a mulheres de poder aquisitivo maior e as mulheres de baixa renda é o privilégio que a primeira possui

em muitas situações. A mulher pobre que reside em um barraco qualquer, luta e enfrenta obstáculos diários para melhorar de condições em uma sociedade capitalista e segregada. A sua resistência faz com que aos poucos a organização do espaço se modifique, alterando sua importância em uma sociedade hierárquica. Por isso, através desses obstáculos que ela precisa enfrentar ao longo da vida, ela desenvolve identidade territorial e a defende fortemente.

O território onde a mulher periférica vive e o lugar onde ela trabalha mostram-nos como a organização do espaço geográfico é desigual. Normalmente seus empregos e outras atividades (creches, hospitais, serviços sociais) da cidade se localizam perto dos centros urbanos e longe de suas casas. Com isso, gastam tempo e dinheiro em transporte diariamente, afetando seus horários, como o de descanso, por exemplo, e a distanciando de seu próprio território, pois mesmo estando em suas casas, necessitam ainda realizar afazeres domésticos. Essa ação de descolamento para formar periferias se localizarem em bairros afastados, é antigo, e se chama higienização social. Quando determinadas moradias irregulares precisam ser derrubadas porque “prejudicam” de alguma forma aquela parte da cidade, onde há especulação imobiliária ou interesses turísticos para aquele local, estamos falando de uma limpeza social ou higienização social. Que, em alguns casos quando não há direito de indenização, todos os membros da família são retirados de suas casas, podendo haver violência física, já que a emocional é nítida, e são levados para locais afastados dos centros urbanos. Um processo histórico e doloroso, que ocorre há muito tempo nesse país.

Desde abolição, essa “limpeza urbana” ocorre, sendo o principal alvo os territórios negros, contudo, é inadmissível deixar de comentar sobre o povo indígena ao qual retiraram quase todas as suas terras e hoje eles lutam muito para mantê-las, dentro da cidade ou em ambientes rurais. Nesse último, em razão da prática da grilagem (alterar/falsificar documentos para tomar posse de terras, de forma ilegal com uso da violência) onde são ameaçados e agredidos apenas por tentar viver em seu território.

O fenômeno da favelização teve como uma das causas o êxodo rural (pessoas saindo do campo para viver e trabalhar na cidade grande) e neste período para essas pessoas foram oferecidos trabalhos com poucos recursos e baixos salários. “Assentaram-se como puderam nas periferias sem infra-estrutura urbana e, mais, construíram suas próprias casas sem concurso de engenheiro e arquitetos,

sem financiamento público e, especialmente, fora do mercado imobiliário privado formal” (MARICATO; COLOSSO, 2017). Portanto, a favela é fruto de um espaço construído historicamente de forma desigual, a partir de uma sociedade capitalista e de exclusão com as seguintes consequências: assentamentos de área de risco (enchentes, deslizamentos), a baixa infra-estrutura, ausência de saneamento básico, esgoto a céu aberto, violência e invisibilidade. Felizmente, as pessoas estão cada vez mais se informando e lutando por seus direitos para viver em uma comunidade com melhores condições de vida. Segundo Gamalho (2008) e Santos (2020):

Constitui-se em uma exclusão camuflada pelo acesso ao solo urbano como mercadoria e os sujeitos são reduzidos à condição de consumidores. Habitar adquire status diferentes: de um lado é uma distinção social na produção de bairros simbolicamente valorizados, por outro lado é o abrigo, o lugar em que os segmentos mais fragilizados encontram seu refúgio. Nesse sentido é que se deve estar atento ao papel das representações do espaço e ao espaço de representação. O primeiro é a sociedade vendo a periferia, o segundo é a periferia se vendo. Ambos são construções que acionam elementos pertinentes aos objetivos de sua construção (GAMALHO, 2008).

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. Ruins e demorados (...) (SANTOS, p. 63, 2020).

Os contrastes nítidos envolvendo a mulher periférica com a mulher que possui uma aquisição financeira maior são inúmeros. O lugar onde vive, os acessos a educação, as oportunidades de trabalho e a violência do Estado, explicam em parte, o porquê de nosso país ser um dos mais desiguais do mundo. Ao ler a obra: *Eu, Empregada Doméstica (a senzala moderna é o quartinho da empregada)*, da autora Preta-Rara (2019), nos deparamos com depoimentos de mulheres que podem ser as filhas, as netas, as sobrinhas ou mesmo a própria empregada que expressam as formas de violências (gênero, sexual, classe) em um ambiente de trabalho explorador, onde, além do cansaço físico há principalmente o emocional, com “salários” absurdos e em algumas situações, trabalhando sem ganhar nada, já que moravam na “residência” da “patroa”, nos fundos, em um quarto minúsculo.

As situações em que essas mulheres periféricas viviam e infelizmente algumas ainda vivem, indicam uma segregação sócio-espacial reproduzida muitas e muitas vezes, de origens históricas e culturais. Os relatos explicam que para se alimentar, pagar o aluguel, ajudar seus filhos a entrarem na faculdade, elas

continuavam nesse trabalho, pois não tinham outra alternativa, o Estado as ignorava e não oferecia oportunidades concretas. Por isso o feminismo precisa ser relacionado à classe social para compreendermos melhor as vivências dessas mulheres e o desequilíbrio social que elas enfrentam nesse ambiente. Segundo Preta Rara (2019), no ano de 2017 o trabalho doméstico correspondeu quase 15% dos empregos realizado por mulheres.

4 MULHER PERIFÉRICA E O RACISMO

Quando nos deparamos com algumas situações envolvendo a mulher negra:

- Pedindo dinheiro na sinaleira com seus filhos;
- Proibida de entrar em um determinado estabelecimento por ser moradora de rua;
- Por ser babá e precisar usar um banheiro diferente nos clubes que frequenta com a patroa;
- Quando a empregada doméstica tem a ordem de usar apenas o elevador de serviço;
- Ou quando uma mulher negra é seguida por um segurança no mercado, conseguimos entender em parte nesses exemplos a marca profunda que a discriminação racial deixou em nosso país.

A discriminação racial está enraizada na sociedade brasileira de uma forma difícil de aceitar, e o feminismo, além da classe social, necessita também abordar esse tema do preconceito contra as mulheres negras (pretas e pardas).

Eu sou filha de empregada doméstica vivenciei cada situação que minha mãe passou. Uma certa vez minha mãe me levou ao trabalho até então os patrões da minha mãe não sabia da minha cor, até porque minha mãe é branca. Ao chegar comigo, a patroa de minha mãe me disse –É dona Maria eu toda feliz porque você é branca e você traz sua filha e me surpreendeu fato pobre sempre dá um jeito de mete um preto no meio. Minha mãe abaixou a cabeça com os olhos cheios de lágrimas foi trabalhar, até porque ela tinha uma filha pra criar sozinha, minha mãe não falou nada o dia todo. Dava pra sentir a tristeza dela em sua respiração (PRETA RARA, p.134).

Esse relato da autora resume muito o pensamento de uma parte da nossa sociedade brasileira, que envolvem hostilidade, intolerância, ignorância, e a marginalização do povo negro e pobre, todavia, nos mostra também o que essa parcela de mulheres enfrenta diariamente e como essa violência causa transtornos e traumas emocionais que afetam juntamente seus familiares que presenciam.

4.1 Quadro Quantitativo

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE (soma de pretos e pardos) aponta a população negra como 56%, mais da metade da população brasileira, contudo, em relação à realidade social do Brasil, essa

população ainda continua minoria em fatores como educação, trabalho, oportunidades. Nessa mesma pesquisa a população de cor branca ganhava em média 73,9% mais do que a preta ou parda.

O trabalho informal exercido por negros e pardos no Brasil chegou a 47,4% em 2018, enquanto que os trabalhadores informais brancos foram de 34,5%. A população negra era a maioria nas atividades informais do setor agropecuário (62,7%), da construção (65,2%) e dos serviços domésticos (66,6%). Esses dados são do estudo “Síntese de Indicadores Sociais (SIS) que teve como referência a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua (2019), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).² No estudo citado anteriormente (Pesquisa Nacional de Domicílios em 2019) no que se refere ao analfabetismo 3,6% das mulheres brancas (com quinze anos ou mais) eram analfabetas, e o número chega a 8,9% entre as mulheres pretas ou pardas. Nas idades de sessenta anos ou mais, a taxa de analfabetismo das mulheres brancas chegou a 9,5% e, em relação as mulheres pretas ou pardas, chegou a 27,1%.

Em uma pesquisa do "Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil mostra que no ano de 2013 as mulheres negras morreram 66,7% a mais do que as mulheres brancas. As mais variadas formas de violência contra o corpo feminino, o descaso do Estado, o machismo que tenta silenciar a voz e os direitos da mulher na sociedade, acontece, obviamente, de maneira geral. Porém, com as mulheres negras e pardas e pobres os dados aumentam de formas significativas, não há como ignorar esse fato. Outra questão importante de acrescentar é que segundo os dados do Anuário de Segurança Pública (2019) 70,7% das mulheres assassinadas tinham apenas o ensino fundamental. Falta de estudo, resultando em trabalhos precários, transporte inseguro, caminhar à noite em ruas sem iluminação até as suas casas, relacionamentos abusivos, mostram um cotidiano com muita insegurança e vulnerabilidade.

Em um estudo mais recente do Atlas da Violência de 2020, no ano de 2008 e 2018, assassinatos de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5%. E em relação aos não negros diminuiu 12,9% no mesmo ano. Entre as mulheres negras essa taxa aumentou 12,4% e nas mulheres não negras diminuiu 11,7%. No ano de

²Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-atinge-47-4-dos-trabalhadores-negros-do-brasil-diz-ibge-766e>>. Acesso em: 18 out. 2021.

2018 a cada duas horas uma mulher era assassinada no Brasil, chegando a 4.519 vítimas. Porém, o homicídio de mulheres reduziu 8,4% entre 2017 e 2018 com uma redução mais expressiva nas mulheres não negras.

Em relação à população feminina carcerária, segundo o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC) entre dezembro do ano de 2017 e abril do ano de 2018, em uma amostra de 200 mulheres, 68% eram negras, 50% possuíam somente o ensino fundamental e 50% tinham idade entre 18 e 29 anos. Entre os anos de 2000 e 2014 a participação da mulher no mundo do crime cresceu 567,4% no Brasil, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias/ INFOPEN Mulheres. Outra questão importante é sobre a gravidez na adolescência: “Na penitenciária vejo meninas que deram à luz aos onze ou doze anos de idade, ser mãe de dois ou três filhos com 25 anos é regra” (VARELLA, 2017, p. 264). Segundo dados do IBGE, por meio do relatório de Estatísticas do Registro Civil, em 2018 nasceram 432.460 bebês de mães adolescentes, representando 14,94% de todos os nascimentos no país nesse mesmo ano. Sete em cada dez meninas grávidas ou com filhos, são negras e seis em cada dez não trabalham e não estudam.

4.2 Análise do Quadro Quantitativo – Mulher Negra e Pobre

Resumindo de uma forma mais objetiva: a mulher negra morre mais, a mulher negra é mais presente no mercado informal e no mercado doméstico formal, a mulher negra ainda possui dificuldades em concluir os estudos (fundamental, médio, superior), a mulher negra é maioria nas cadeias femininas, e é a mais pobre. Todas essas afirmações são fatos, dados, a partir de diversos estudos sérios elaborados no país.

A única maneira de mudar esses números significativamente, a meu ver, é pesquisando formas de melhorar as políticas públicas, para que elas realmente façam a diferença na vida dessas mulheres, serviços sociais: moradias dignas (infra-estrutura), oportunidades de estudo, mais creches públicas para elas deixarem seus filhos e conseguirem estudar e/ou trabalhar, escolas públicas estruturadas, mais auxílios de renda, incentivo a criação de ONGS, palestras sobre gravidez na adolescência, educação sexual, uma fiscalização maior de órgãos públicos em relação a denúncias de violência doméstica, um maior auxílio a mães pobres de filhos com limitações (tanto física, como mental), entre tantas outras ideias que

possam surgir para que essas mulheres consigam viver com mais respeito e dignidade nesses espaços segregados. De acordo com Lima e Santos:

Evidente é a desigualdade que se perpetua ao longo da história, e se agrava ainda mais quando se fala de mulheres negras em territórios periféricos. Neste contexto, o sexo, a cor da pele e o território habitado é o marcador extremo da desigualdade, e as mudanças ocorridas são pequenos passos durante um longo percurso para um reconhecimento e emancipação dessa mulher, a legitimação de direitos é oprimida pelo sistema reprodutor de machismo e preconceitos que se prolifera em um embate constante entre consciência e inconsciência (LIMA, SANTOS, 2017).

A seguir apresento imagens de duas mulheres negras fundamentais para a história do país, que apesar de terem nascido em épocas diferentes, possuíam sonhos e visões semelhantes, que tinham o objetivo de transformar o mundo em um lugar melhor.

Antonieta de Barro, filha de uma ex escravizada, foi pioneira no parlamento como representante feminina e negra na Assembléia Estadual do Brasil, mais precisamente no estado de Santa Catarina, no ano de 1934. Defendia a igualdade racial e de gênero. Dandara dos Palmares um dos nomes mais importantes da luta contra o racismo. Liderou o exército feminino dos Palmares no século 17 e foi esposa do Zumbi dos Palmares

Figura 7: Antonieta de Barro



Fonte: Júlia Di Spagna, 2020.

Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/8-mulheres-negras-que-fizeram-historia-no-brasil/>>.

Figura 8 – Dandara dos Palmares



Fonte: Júlia Di Spagna, 2020

Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/8-mulheres-negras-que-fizeram-historia-no-brasil/>>.

5 REALIDADE SOCIAL – OPINIÕES E EXPERIÊNCIAS

A autora Carolina Maria de Jesus, da obra *Quarto de Despejo* (1960) mostra como os moradores das favelas são vistos pela sociedade e como a pobreza é tratada na década de 50. Seus pensamentos são fundamentais para um estudo mais específico sobre a desigualdade nesse país, pois o que autora descreve ocorre muito nos dias atuais, principalmente a questão da pobreza e do racismo.

Figura 9 – Carolina Maria de Jesus



Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-que-completaria-105-anos-em-marco.html>>.

É inadmissível que mesmo depois de todo esse tempo, a população pobre continue passando por humilhações e descaso, como também a população negra. Carolina desabafa que apenas por ser moradora de uma favela é considerada uma marginal:

Nós somos pobres e viemos das margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS,1960).

Os vizinhos da alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres(JESUS,1960).

A visão de Carolina era algo fascinante, ela realmente estava muito à frente de sua época. Mesmo com pouco estudo acadêmico, conseguia compreender como a sociedade se desenvolvia. Os olhares, a repulsa, a frieza e a indiferença das pessoas em relação à fome, e a população necessitada. Ela cita o desemprego no primeiro trecho, um fato que já ocorria na época, e no segundo fala sobre as pessoas não aceitarem a favela desvalorizando o seu bairro. Ser mulher, com três filhos, moradora da favela fez com que ela precisasse enxergar questões que nenhum livro pôde explicar tão bem quanto ela. Conforme Santos (2020):

Aos desempregados somente agora são reconhecidos direitos, e assim mesmo tão precários que ainda estão muito longes do que é praticado em tantos outros países capitalistas. Tudo isso sem falar nos desiguais sem remédio, os desiguais institucionais, o negro, o nordestino, as mulheres, cujo discurso tolerado, não tem, entretanto, merecido a resposta adequada (SANTOS, 2020).

Rozeli da Silva, moradora do bairro Restinga de Porto Alegre é uma mulher negra que passou por diversas dificuldades, sentiu na pele o abandono dos órgãos públicos e o preconceito. Saiu de casa muito cedo devido a conflitos familiares e engravidou aos 12 anos. Com uma grande personalidade e empatia criou a ONG “Renascer da Esperança” para ajudar crianças e adolescentes a construírem suas vidas longe das ruas. Rozeli é um exemplo vivo da questão da discriminação racial, da violência contra a mulher, do descaso das autoridades perante os menores de idade e da luta e esperança de um mundo melhor. Essa opressão fica clara através das suas frases:

“Tinha 12 anos quando fiquei grávida pela primeira vez achando que ia melhorar. Continuei apanhando dele.” (PORTAL GELEDES, 2018).

“Um dia, nos pegaram roubando e mandaram pra FEBEM. Vi a mãe de todo mundo ir buscar elas, e a minha, não.” (PORTAL GELEDES, 2018)

“Vi três irmãos pedindo esmola, e a dona de uma ferragem chamaram os guris de marginais. Eu fui lá e xinguei ela. Eles não estavam roubando, estavam pedindo!” (PORTAL GELEDES, 2018)

Figura 10 – Rozeli da Silva realizada com o seu projeto, mostrando seu sorriso e fazendo a diferença na vida de tantas pessoas



Fonte: Reportagem chamada Sempre Família, 2021.

Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/virtudes-e-valores/ong-de-ex-gari-tira-criancas-das-ruas-de-porto-alegre/>> .

Nesses três relatos de Rozeli podem-se perceber alguns problemas sociais, como: a gravidez precoce em meninas muito novas e pobres, um problema social que existe no país há tempos, principalmente pela falta de informações, de políticas de inclusão e por negligência dos governos que parecem não se preocupar tanto com esse tema. “Gravidez na adolescência é uma epidemia que se dissemina nas famílias de renda mais baixa”, segundo o doutor Dráuzio Varella na obra “Prisioneiras” (2017). E a violência contra a mulher, um tema muito delicado, que tira a vida de muitas de nós nesse país, a agressão física, verbal, a humilhação, as diferentes formas de abuso, que podemos sofrer vindas de uma sociedade extremamente machista que perpetua o ódio contra as mulheres.

No segundo relato, há a desestruturação familiar, já que é possível perceber que a relação de Rozeli com a mãe possuía alguns conflitos e o apoio familiar é importante para o desenvolvimento de nossa personalidade. E, finalmente, no último trecho, Rozeli mostra sua indignação diante do descaso e preconceito da sociedade. Meninos que foram chamados de marginais, (palavra que é citada no diário de Carolina Maria de Jesus, na década de 50) por estarem apenas pedindo dinheiro. Uma sociedade que insiste em descontar suas frustrações com o uso da discriminação. Contudo, percebemos que com essa atitude Rozeli mostra alguns de

seus traços individuais, sua ideologia, o seu caráter e a sua luta cotidiana pelo bem-viver. Ao defender os meninos revela sua coragem, sua luta, para seguir adiante com seus ideais e fazer a diferença. A resistência da mulher periférica.

Figura 11 – A obra *Meninas da Esquina*, retratada no filme: “Sonhos Roubados”:



Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonhos_Roubados>.

Os depoimentos das meninas Natasha e Vitória, respectivamente, no livro *Meninas da Esquina*, de Eliane de Andrade (2010), indicam claramente que muitas adolescentes e mulheres vulneráveis vivem pelos cantos do Brasil, mesmo se determinados órgãos não queiram enxergar:

Começamos a discutir, quebrei um copo com as mãos de tanta raiva. Ainda pegou a pá de pedreiro e me ameaçou. Quando tirei a pá das mãos dele, ele me jogou no azulejo e me sacudiu. Estou com a perna rachada e a barrigada cortada e arranhada (ANDRADE, 2010).

Minha mãe teve que deixar os filhos na casa de uma senhora, a dona maria que botava a gente para vender flores no sinal, em restaurante, em todo o lugar, fiquei nessa vida até os 13 anos. Saia para rua as 7 da noite e só voltava 4:00 ou 5:00 da madrugada. Se não vendesse todas as rosas, Dona maria não me dava comida, nem roupa (ANDRADE, 2010).

No primeiro depoimento, realizado em meados dos anos 2000, percebemos o quanto a violência pode ser considerada normal para lidar com algumas situações. Não é verdade dizer que ambientes periféricos/ humildes são marcados apenas pela violência, pois a favela é muito mais do que isso. Contudo, algumas famílias são desestruturadas e por diversos motivos – e com a falta de apoio emocional e

políticas públicas eficientes –, repetem as atitudes familiares, praticando violência física ou verbal com seus filhos ou netos, gerando uma violência cultural. É sabido também o tratamento torpe e preconceituoso com que as autoridades tratam os moradores de favelas, ou seja, eles estão acostumados com tamanha turbulência e falta de respeito diariamente.

No segundo depoimento percebemos como a infância pode ser perdida de uma forma tão injusta neste país. Crianças que deveriam estar na escola, ou brincando com os amigos em uma praça qualquer, são obrigadas a sair nas ruas das cidades pedindo dinheiro para ter o que comer ou vestir. Com isso, amadurecem de uma maneira cruel e precoce, sem falar dos riscos que correm pela falta de segurança, podendo sofrer algum tipo de abuso. Com a leitura de alguns depoimentos ao longo do livro, é possível perceber que como estão nas ruas desde cedo sobrevivendo como podem, algumas acabam indo para o mundo da prostituição, mesmo menores de idade, ou envolvidas com o crime, tendo que passar um certo tempo na “FEBEM” ou até passagens pela prisão.

Na cidade de Porto Alegre existe uma cultura de higienização que visa tornar a cidade mais turística, mais limpa e atrativa. Esse processo estende-se por décadas, comprovado através da remoção de vilas próximas do centro para lugares bem afastados. E intensificou-se nos últimos anos com o aumento do número de pessoas em situação de rua. Esses foram afastados dos grandes centros urbanos sem planejamento, e o destino deles é desconhecido. Não há muito interesse por parte dos órgãos públicos em oferecer melhores condições de vida a esse grupo, sendo que as políticas voltadas a atender tais necessidades, como alimentação, higiene pessoal básica, vestuário, são muitas vezes realizadas por grupos voluntários.

Assim, Gabriel *O Pensador* (2000) descreve como um indivíduo pode se sentir ao perder a sua identidade, no trecho da música chamada *Resto do Mundo*:

Eu sou sujo. Eu sou feio. Eu sou anti-social. Eu não posso aparecer na foto do cartão postal. Porque pro rico e pro turista eu sou poluição. Sei que sou um brasileiro. Mas eu não sou cidadão. Eu não tenho dignidade ou um teto pra morar. E o meu banheiro é a rua. E sem papel pra me limpar (PENSADOR, 2000).

Os versos da música de Gabriel *O Pensador* mostram a tamanha desigualdade que vigora no país e a questão da higienização social, pois, para a

política de segregação da cidade, o morador de rua, os moradores de favelas ou barracos são considerados uma poluição territorial, algo que prejudica a urbanização e o desenvolvimento de um local, de um bairro e por isso é tão importante para a sociedade tentar distorcer essa realidade. E quando ele canta que “sei que sou um brasileiro, mas não sou um cidadão”, mostra um possível sentimento dos moradores de ruas e de alguns moradores de barracos muito humildes, apesar de esse último não ser o tema da música.

Figura 12 – Local onde os moradores de rua permaneciam, na zona central da cidade (Viaduto Otávio Rocha) antes de serem retirados. Mostrava a indiferença da sociedade e o descaso do estado com a população marginalizada



Fonte: Mateus Bruxel, GZH, 2020.

Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/12/viaduto-otavio-rocha-e-o-retrato-de-uma-porto-alegre-abandonada-8666405.html>>.

Figura 13 – Um exemplo de um espaço segregado, longe das zonas centrais, onde a miséria se faz presente. Localizado na Vila das Laranjeiras, no bairro Morro Santana em Porto Alegre



Fonte: Marco Fávero, GZH, 2020.

Disponível: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/07/o-coronavirus-e-a-desigualdade-como-e-por-que-a-covid-19-se-torna-mais-letal-nas-areas-de-periferia-ckd0ixqgg001l0147grjxxmge.html>>.

Buscando encontrar exemplos de vida que traduzissem a cultura da exclusão social que se mantém por décadas, a leitura do livro *Quarto de Despejo* (1960) foi fundamental em relação ao recorte do meu trabalho, pois despertou em mim um interesse maior em pesquisar e compreender sobre a cultura da exclusão social e racial (que perdura há tempos) e como ela influencia até hoje na sociedade. É evidente na vida dos cidadãos brasileiros essa segregação. Essa obra foi uma aula de como o racismo enraizado era natural naquela época, a violência contra a mulher, a miséria, fome e o abandono do povo pobre e todas as consequências que essas questões podem causar no futuro. Pois muito que Carolina falou ocorre até hoje.

A história de vida de uma mulher chamada Rozeli da Silva se assemelha com a de Carolina Maria de Jesus e muitas outras mulheres negras, que lutaram e superaram as inúmeras dificuldades comuns a aquelas que já nascem no meio segregado, cuja trajetória, quando descrita de forma espacial e detalhada, tende a

enriquecer consideravelmente o trabalho. Neste mapa-narrativa será possível descrever os espaços que construíram sua identidade, mostrando o sentimento de pertencimento ao território.

Com o livro *Meninas da Esquina*, de Eliane de Andrade, tive em mãos histórias de seis meninas e mulheres de determinadas partes do país entre o ano de 2003 e 2004. Moradoras de favelas ou subúrbios tinham em comum, além de serem do sexo feminino, que todas eram de baixa renda. E por esse último detalhe compartilhavam histórias de vidas muito semelhantes. Como a violência familiar, o machismo, a falta de um estudo continuado, a falta de oportunidades, infância perdida e entre outros. Uma leitura emocionante, que descreve a realidade de tantas meninas nesse país. Elas falam sobre os seus sentimentos, suas dores e seus sonhos, produzindo um diário, como ocorre no livro *Quarto de Despejo*.

Ao buscar entender melhor a vida de pessoas em situações de vulnerabilidade, tive a chance de conhecer cidadãos que realizam trabalhos voluntários com moradores de rua, compartilhando alimentos, roupas, materiais escolares, e principalmente afeto e solidariedade. Pude então agregar a experiência de campo nas entrevistas que realizei com esses grupos, assim como com órgãos do governo.

6 O LUGAR DE PERTENCIMENTO DE ROZELI: O BAIRRO RESTINGA

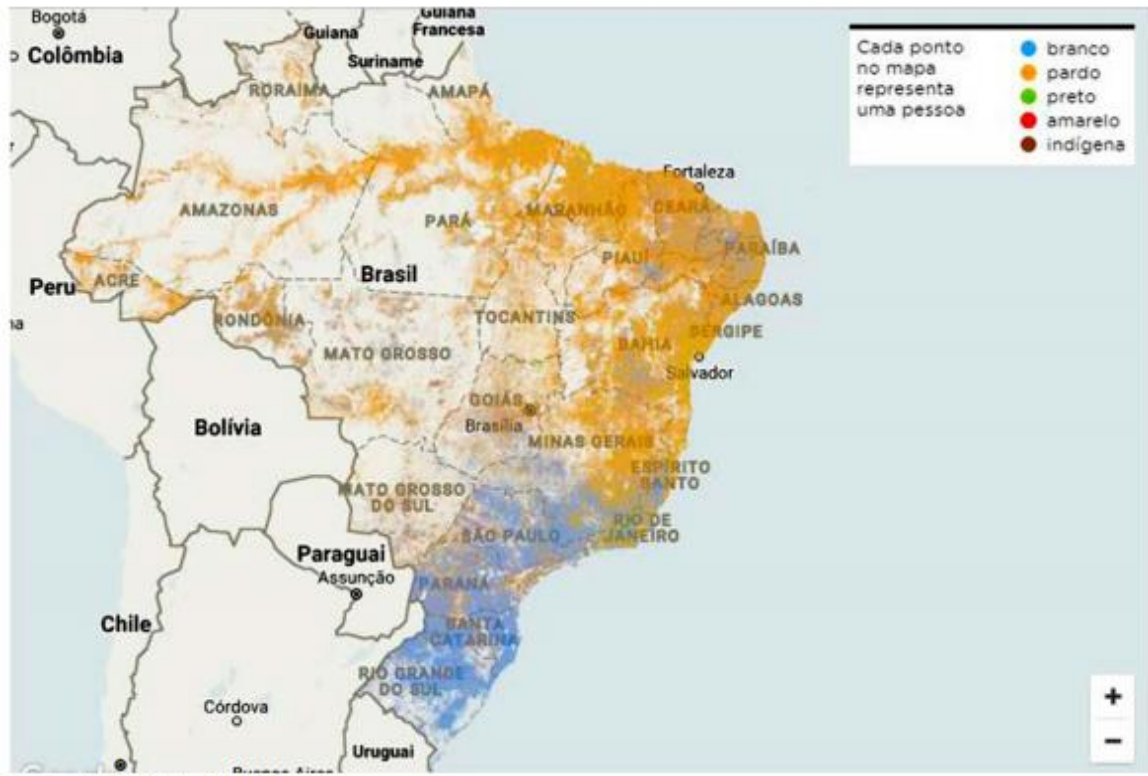
A cidade de Porto Alegre é a capital do estado do Rio Grande do Sul. Sua área total é de 495,390 km² (Observa POA) e a sua densidade demográfica é de 2.837,53 hab/km², segundo o último censo do IBGE do ano de 2010, dados mais recentes possíveis. Sua população é de 1.409.351 habitantes. É a décima segunda cidade mais populosa do Brasil.

Porto Alegre foi fundada em 26 de março de 1772. Sua população de cor branca é de 79,23%, a de cor negra e parda é de 20,24%, de cor amarela é de 0,29% e a população indígena equivale a 0,23%.

Após a abolição em 1888, grupos excluídos da sociedade, como os negros, se viram abandonados, sem chance de boas oportunidades de trabalho, moradia, qualidade de vida e os “senhores” perderam sua fonte de renda e exploração que havia durado centenas de anos. Foi a partir desse momento que houve um alto movimento de imigração, principalmente europeia, vindo para o Brasil, com maior enfoque nas regiões Sul e Sudeste, sendo que no Nordeste a população negra manteve-se. Esse movimento teve como objetivo, a princípio, substituir a mão de obra escrava ao incluir os imigrantes no mercado de trabalho e garantir desenvolvimento e modernização para os estados, porém, posteriormente, culminou em uma política de embranquecimento da população. Ou seja, uma tentativa de acabar definitivamente com a população de cor negra e a sua história na sociedade.

Segundo Oliveira, Oliveira: “No decorrer do tempo acreditava-se que a miscigenação iria fazer desaparecer da sociedade o elemento negro” (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2015). Como pode ser visto do mapa abaixo a distribuição de brancos e negros nas regiões do Brasil. Ressaltando que na região Sul a população branca é muito maior que as demais partes do país:

Figura 14 - Mapa sobre a distribuição racial no país



Fonte: Enanpur (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) XVIII, Segregação Racial: O lugar do negro em Porto Alegre/RS - O bairro Rubem Berta, 2019.

Nos anos de 1946 e 1947, com o aumento da urbanização e consequentemente da população, observaram-se grupos de pessoas construindo suas habitações em diferentes bairros da cidade de Porto Alegre. Possivelmente sua população era descendente de escravos, indígenas e trabalhadores rurais advindos do interior. O surgimento dessas determinadas moradias foram crescendo rapidamente, culminando nas famosas “Vilas das Malocas”. Eram pessoas de baixa renda que precisavam de um lugar para morar e o Estado não disponibilizava ações sociais eficientes, como acesso a uma habitação digna, e a grande parte trabalhava em empregos informais, por esse fato, eles mesmos precisavam construir suas casas, seus “becos”. Em 1949 já havia 12 vilas que se localizavam principalmente nas avenidas Bento Gonçalves, Protásio Alves, Farrapos, Cristovão Colombo e João Pessoa, lugares próximos aos seus empregos e da região central. Eram 4558 malocas e 15 000 moradores (GAMALHO, 2009).

Nos anos 60, década em que o governo militar estava no poder, a urbanização na cidade estava em um grande avanço, consequentemente o

crescimento do mercado imobiliário também, causando restrições/segregações ao acesso ao solo e transformando a terra em uma moeda de troca. As habitações das vilas de malocas passaram a ser ameaçadas. Críticas a esses espaços começaram a aparecer mais fortemente, levantando a ideia de uma política de remoção para a solução desse “impasse”.

As questões paisagísticas, o preconceito contra os moradores dessas habitações humildes, culminando em uma espécie de medo, repugnância ou aversão em relação a eles e as ditas “malocas”; resultavam em uma forma de alienação contra esses espaços. As variadas marcas da pobreza reproduzidas e mostradas em lugares estratégicos da cidade revelavam abertamente a desigualdade social e seus entraves, provocando a repulsa e indignação do Estado, de pessoas com poderes importantes no setor imobiliário e de uma parte da população, que considerava os moradores dos becos como: “quase cidadãos”. O lado obscuro da urbanização não era algo que poderia ser visto, principalmente em regiões centrais da cidade, e sim invisibilizado.

Resumida como um espaço marginal, pobre, sujo e violento as vilas de malocas passaram a ser demolidas, retirando seus moradores de áreas centrais da cidade e os colocando em locais afastados, levando consigo pedaços de madeiras das suas antigas habitações, de acordo com o assunto abordado no XI CIEIA (Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos):

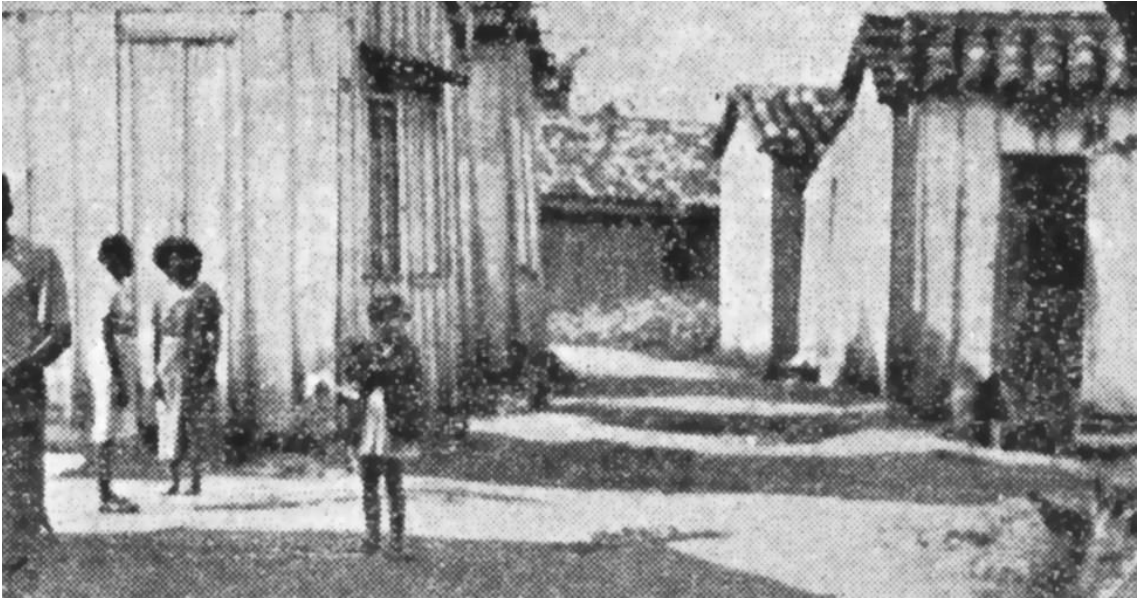
Ação do estado, já inserido no Governo Militar, promoveu a exclusão dos indesejados. A face branca, moderna, educada e higiênica da cidade é mantida com a segregação e imposição do afastamento territorial e social do pobre subalterno, com o discurso de “Remover para Promover” (D’AVILLA, 2000, p. 51).

6.1 Processo de Formação do Bairro Restinga (Higienização Social)

As políticas de segregação territorial deram início nos anos 60. Onde em 1967, conseqüentemente, o bairro Restinga foi criado. A primeira vila removida foi a Ilhota (localizada entre os bairros Menino Deus, Cidade Baixa e Azenha), seguida de várias outras. Com a expansão urbanística, as primeiras a serem levadas para Restinga, após a Ilhota, foram: Vila Santa Luzia (bairro Santo Antônio), Vila Lulu, Vila dos Marítimos, Vila Maria Degolada, Vila Maria da Conceição. Nos anos de 1969 e 1974 foram retiradas 11.027 malocas e 48.194 pessoas transferidas, sendo

que 10% desses foram para Restinga Velha, algumas para terrenos próprios e as demais para outras áreas escolhidas previamente. Essa ação resultou em 2 mil malocas e 8 mil pessoas removidas anualmente (GAMALHO, 2009).

Figura 15 – Vila Ilhota - Uma das primeiras “Vila das Malocas” que foi deslocada para o bairro Restinga em Porto Alegre



Fonte: Imagem do site Nonada, Percurso Negro, 2015.

Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2015/06/ilhota-o-bairro-com-enchentes-de-contos/>>.

Figura 16 - Vila Santa Luzia, fundada em 1943. Comunidade foi afetada pela política de higienização social, fazendo parte da construção da Restinga (Porto Alegre)



Fonte: Vanessa Zamboni. Construção Social do Espaço, Identidades e Territórios em Processos de Remoção: O caso do Bairro Restinga - Porto Alegre/RS, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24720/000746103.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

A forma desenvolvida para remover a população das inúmeras Vilas de Porto Alegre, consequência da “limpeza social”, pode-se dizer que foi no mínimo indigna. Na vila Ilhota, por exemplo, um caminhão levou as pessoas com os materiais de suas casas demolidas (pedaços de madeira) para a região da Restinga, na época sem nenhuma infra-estrutura, saneamento básico, “apenas mato”, como diziam alguns moradores. Um espaço praticamente vazio e negligenciado, com aproximadamente 26km de distância do centro da cidade. Foram “despejados” naquele local, deixando suas vidas de antes para trás, com muitas incertezas e sem auxílio dos órgãos públicos, que mais uma vez na história deixou a população de baixa renda abandonada à própria sorte.

Abaixo, o trecho de uma entrevista, feita pela Gaúcha ZH, de um morador da Restinga, chamado Antônio Miguel de Almeida:

– Lembro das ruas acabando na Hípica. Só tinha um corredor com mato para todos os lados. Não era lugar para morar. Na mudança com os meus vizinhos, tive vontade de me atirar do caminhão porque achei que estavam me roubando. Só me acalmei quando vi minha mãe e meus parentes numas cabanas improvisadas com restos de madeira. Ficamos dois dias dormindo embaixo delas, até reconstruírem a nossa casa. O chão era cheio de espinhos (rosetas) e a gente estava sempre com os pés machucados. Também tinha muito maricá. Olhava para todos os lados e não tinha água, luz. Não tinha nada. Só pensava "como é que nós vamos comer e beber aqui?" (ZERO HORA, 2020).

Pessoas que viveram nas vilas que participaram da formação da Restinga compartilham o que passaram nesse processo de remoção e instalação. Isso pode ser constatado, na entrevista de um morador realizada por Nola Gamalho (2009):

A prefeitura largou nós com os cacos das nossas casas, eles não desmontaram, eles demoliram. Lá onde a gente morava, eles não desmontaram, eles demoliram, chegaram, quebraram tudo, jogaram dentro do caminhão e trouxeram pra cá, foi como eu te disse, a gente ficou aqui, diversos anos sem o auxílio de iluminação, sem rede de esgoto, nós tinha patente, nosso banheiro era patente nos fundos do pátio que a gente já nem tinha lugar, a gente cavava no terreno para fazer outros buracos pras necessidades, era patente, então a gente abriu o buraco, fez aquele barraquinho de madeira, uma patentezinha ali, que tava toda velha, toda podre (...). Era patente e poço no mesmo terreno, não tinha água encanada, então tu fazia uma patente lá nos fundos e o poço logo aqui (...) e a gente acabava tomando aquela água, o que vai se fazer, não tinha outra, então era assim, era patente e poço no mesmo terreno, iluminação, a nossa iluminação era a luz da lua, a luz da lua era uma maravilha... (GAMALHO, 2009).

Após a leitura dos depoimentos anteriores, percebe-se ao menos em parte como essa parcela da população, no início, vivia na Restinga. Além de residirem afastados de pontos importantes da cidade, careciam de necessidades básicas, aumentando ainda mais sua exclusão. Através de muita luta, protesto dos moradores, a água, luz, banheiros dignos, serviços públicos (como transporte eficiente com mais opções de horário), passaram a existir ao longo da construção da história do bairro.

A estrutura do Bairro Restinga é caracterizada inicialmente pelos **reassentamentos**, onde o poder público através DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação) reassentou pessoas de vários pontos da cidade para formar os bairros: Restinga Velha; Barro Vermelho; Elo Perdido, Figueira, Nova Santa Rita, 5ª Unidade Vicinal, Cabriúva, Vila Castelo e Núcleo Esperança II. Na sequência, ocorreram **Aquisição de moradia popular** em projetos habitacionais, que visam atender a população de baixa renda, através de valores baixos a longo prazo, formando os bairros: Restinga Nova (1ª, 2ª, 3ª, 4ª Unidades Vicinais), Núcleo Esperança, Conjuntos Residenciais (Angico, Sargento, Silvio Holembach, Monte Castelo, Harmonia e Loureiro da Silva), Núcleo Esperança e Cabriúva. Seguindo, temos as **Ocupações**, que são invasões a loteamentos ou conjuntos habitacionais inacabados que constituem as subdivisões do bairro Restinga: Vale do Salso, Vila Beco do Bitá, Asun, Chácara Pedroso, Rocinha, ocupações da João Antônio da Silveira e outras ocupações em áreas de reserva técnica do bairro. Por último há **os Loteamentos Clandestinos**, situações em que os moradores se encontram em maior vulnerabilidade, sendo terrenos ilegais, sem documentação que comprovam a propriedade, Chácara do Banco, Flor da Restinga, loteamentos da Avenida Igês E. Fagundes, Cooperativa dos Bombeiros (GAMALHO, 2009).

A partir dessas divisões territoriais que fazem parte da Restinga, é possível refletir sobre algumas observações. Como, por exemplo, a construção do espaço Restinga Velha e Restinga Nova, que foram de formas diferentes. Enquanto que a primeira, teve seu território marcado, no começo, pela precariedade, inconstância e miséria, sem nenhum planejamento territorial, a Restinga Nova, construída posteriormente, obteve auxílios dos órgãos públicos, existindo certo tipo de planejamento, com habitações populares mais estruturadas. A população da Restinga Nova foi formada por pessoas que vieram de outros lugares, outros bairros, que conseguiam pagar pela moradia cobrada pela prefeitura. Enquanto a população

da Restinga Velha presenciava novos moradores advindos de outras localidades, conseguindo suas casas populares, ela ainda vivia em ambientes carentes de infraestrutura.

Muitos veículos de comunicação associam a Restinga, mais precisamente a Restinga Velha, com a pobreza e a constante violência, resumindo-a em estereótipos, produzindo mais uma vez medo e alienação. Contudo, hoje, a Restinga se encontra bem mais desenvolvida por conta das reivindicações da população, bem como, da participação dela no OP (Orçamento Participativo). Sendo esse último uma ferramenta democrática do município, onde a comunidade se reúne para discutir as prioridades locais. Os moradores precisaram se reinventar, construindo seu espaço, lutando por seu território, adquirindo direitos, criando laços, e se unindo fortemente com a comunidade. Assim conseguem viver com melhores condições, ao mesmo tempo em que compartilham experiências e se ajudam quando precisam. Uma rede solidária.

6.2 Dados Quantitativos da população Restinga

Segundo dados do site Procempa do ano de 2010, o bairro Restinga localiza-se na zona sul de Porto Alegre, com distância de aproximadamente 24 km do centro da cidade.

Sendo o maior bairro da região extremo-sul da cidade, fazendo fronteira com Chapéu do Sol, Lajeado, Hípica, Aberta dos Morros, Belém Velho, Lomba do Pinheiro e Pitinga. Com área de 38,56 km², representa 8,10% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 1.574,92 habitantes por km². Sua população é de 60.729 habitantes, contudo, muitos moradores dizem que esse número já foi ultrapassado há um bom tempo. A taxa de analfabetismo é de 4,03% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários-mínimos.

A população negra da Restinga é um número muito significativo, chegando a 38,50%. A sua taxa de analfabetismo é de 4,85%. Em relação à mulher negra e a gravidez na adolescência, no período de 2006 a 2012, houve uma redução no percentual de 28,42% para 21,19%.

7 ROZELI: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA NO TERRITÓRIO DA RESTINGA

Ao entrevistar Rozeli em sua ONG “Renascer da Esperança”, no dia 17 de junho de 2021, na Avenida Macedônia, no bairro Restinga, o que eu imaginava ao pesquisar sua história por um tempo, se concretizou. Rozeli da Silva é uma mulher forte, negra e periférica com 57 anos que nasceu no bairro Partenon, zona leste de Porto Alegre. Com seis anos, Rozeli foi morar na Restinga, quando a sua história pelo bairro se iniciou. Ao perguntar sobre o bairro ela diz: “A restinga representa pra mim tudo”. Durante a entrevista, Rozeli foi muito sincera e expressiva. Em alguns momentos se emocionou ao lembrar de tudo o que viveu no bairro. Abaixo uma imagem de Rozeli da Silva:

Figura 17 – Rozeli da Silva



Fonte: Omar Freitas / Agencia RBS. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/04/a-porto-alegre-que-rozeli-governa-conheca-a-historia-da-ex-gari-e-atual-presidente-da-ong-renascer-da-esperanca-cju044qor006c01mw0830h316.html>>.

Através de um roteiro de entrevista com Rozeli, realizado em um trabalho de campo onde as questões abaixo foram respondidas, consigo desenvolver uma análise de Rozeli e de sua trajetória de vida no bairro:

- O que o bairro Restinga representa para você e quais são as mudanças que você percebeu nesse bairro?
- Endereço onde nasceu e quais lugares que mais marcaram para você nesse bairro?
- Falando sobre a ONG, como que surgiu essa ideia de fazer algo para tentar mudar a realidade dessas crianças e adolescentes?
- De que forma a ONG atende essas crianças e adolescentes?
- Se você tem noção da importância do seu trabalho na comunidade e o que você representa para o bairro?

Quando ela tinha nove anos de idade, por problemas com a mãe, Rozeli foi morar na rua com os irmãos. Ela ficava embaixo do viaduto da Borges, localizado na zona central da cidade. Muito nova precisou se virar e já tinha receios e preocupações que nem uma criança com essa idade deveria ter: “A Restinga Velha é onde eu com 11 anos fui morar na casa com um homem e sofri violência doméstica (...) Eu fui cedo pras ruas, sai de casa cedo, aos 9 anos eu já andava na rua, aos 12 pra 13 eu já era mãe” (Entrevista com Rozeli da Silva, moradora da Restinga, em 17/06/2021).

Ao longo de sua vida, ela passou por inúmeros problemas sociais: como negligência familiar, fome, violência doméstica, cárcere privado, gravidez precoce, várias formas de abusos de seus dois relacionamentos, racismo e humilhações em geral, trabalhando como gari. Contudo, todos esses problemas não a resumem ou a caracterizam de forma alguma; Rozeli é muito respeitada e conhecida principalmente por ter criado uma ONG e outras atividades sociais paralelas que auxiliam crianças e adolescentes em vulnerabilidade social:

Sou uma mulher, mãe de cinco filhos, quatro filhos meus e um adotei, 20 netos 6 bisnetos, uma mulher que era analfabeta até os 32 anos hoje sou alfabetizada, pretendo me formar em ciências sociais. Tô estudando, remando, mas tô indo. Gari do DMLU, trabalhei por 32 anos, lá que eu aprendi a ler. Então eu sou essa mulher que vocês estão vendo aqui (Entrevista com Rozeli da Silva, moradora da Restinga, em 17/06/2021).

Rozeli limpava casas e uma de suas patroas a aconselhou a trabalhar como gari no DMLU (Departamento de Limpeza Urbana – Porto Alegre) e com isso ela fez a prova de múltipla escolha e passou mesmo sendo analfabeta. Já trabalhando no DMLU, sofreu novamente violência de um segundo marido, com isso saiu de casa e teve apoio do Departamento. Conheceu uma assistente social e foi levada para a Casa Viva Maria (Proteção da Mulher Vítima de Violência) e fez amizade com a Learsi Kelbert (Lea). Elas tiveram um sonho com as crianças lhe entregando margaridas:

Dali eu comecei a ficar no DMLU, trabalhando, o tempo foi passando, os anos foram passando, eu já tinha seis anos de DMLU, um dia eu sonhei que estava num lugar, num paraíso, eu e uma assistente social (Lea) (...). Ai eu disse pra ela, só seja o meu caderno e a caneta(...). Eu tive esse sonho né, que eu fiz, eu quis fazer um levantamento. No primeiro dia que varri aqui(Restinga), vi três crianças pedindo nas casas, então eu vi uma necessidade, se tivesse um lugar que não me cobrasse nada, me desse o que comer e dissesse pra mim assim: só quero que tu estude, eu seria uma obstetra (...) (Entrevista com Rozeli da Silva, moradora da Restinga, em 17/06/2021).

Rozeli menciona que gostaria de ter sido médica, demonstra a intenção de melhorar as condições de pessoas que mais precisam. Contudo, com a falta de oportunidades e de políticas que a auxiliassem, já que ela passava fome, não estudava e sofria os abusos citados anteriormente, assim, essa realidade estava muito distante. Mas Rozeli, com a sua visão e inteligência, desenvolveu um projeto social que ajuda crianças e adolescentes (aproximadamente 250), segundo o próprio site da ONG, e nada melhor que uma pessoa inserida nesse cenário para entender e por em prática ideias que de fato dão resultados significativos.

Ao visitar a ONG “Renascer da Esperança”, no bairro Restinga, em Porto Alegre, para realizar minha entrevista, fui apresentada e conheci cada canto desse lugar encantador, pelos seus funcionários. Um espaço lindo, grande, bem estruturado, onde todas as crianças e adolescentes conseguem fazer diversas atividades, são bem alimentados e principalmente muito felizes. Profissionais dedicados que exercem sua função em um lugar que transborda amor e esperança e visa fazer a diferença na vida de tantas pessoas. Tanto Rozeli, como todos os profissionais que atuam na ONG Renascer, representam uma possibilidade de um futuro melhor para todas as crianças e os adolescentes que ali estão. Sua forma de educação é diferenciada e não envolve apenas decorar tabuadas ou fórmulas e sim desenvolver sua personalidade, juntando esporte, arte, dança e entre tantas outras

formas que envolvem cultura e educação. Conheci as crianças que estavam presentes no dia e compreendi o quanto esse espaço de acolhimento é fundamental para desenvolver uma sociedade mais empática e responsável, sem mencionar a importância que a ONG possui para a família dessas crianças e adolescentes, já que os membros da família conseguem fazer seus respectivos afazeres sem precisar se preocupar se seus filhos, netos, sobrinhos por exemplo estão nas ruas ou passando fome. A seguir apresento o espaço da ONG “Renascer da Esperança” onde realizei algumas fotografias.

Ao sair da recepção, nos deparamos com um resumo do trabalho da ONG Renascer, através de fotos que contém lembranças de momentos marcantes com as crianças e os profissionais da ONG.

Figura 18 – Corredor Principal



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Há também espaço onde as crianças e adolescentes da ONG Renascer da Esperança podem praticar esportes e se divertir.

Figura 19 – Ginásio



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Sala onde as crianças e os adolescentes se reúnem para assistir filmes, documentários, entre outros, contribuindo para o enriquecimento da cultura nesse espaço.

Figura 20 – Cinema



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Espaço utilizado para o reforço escolar, onde as crianças e adolescentes aproveitam o turno inverso para adquirirem mais conhecimento.

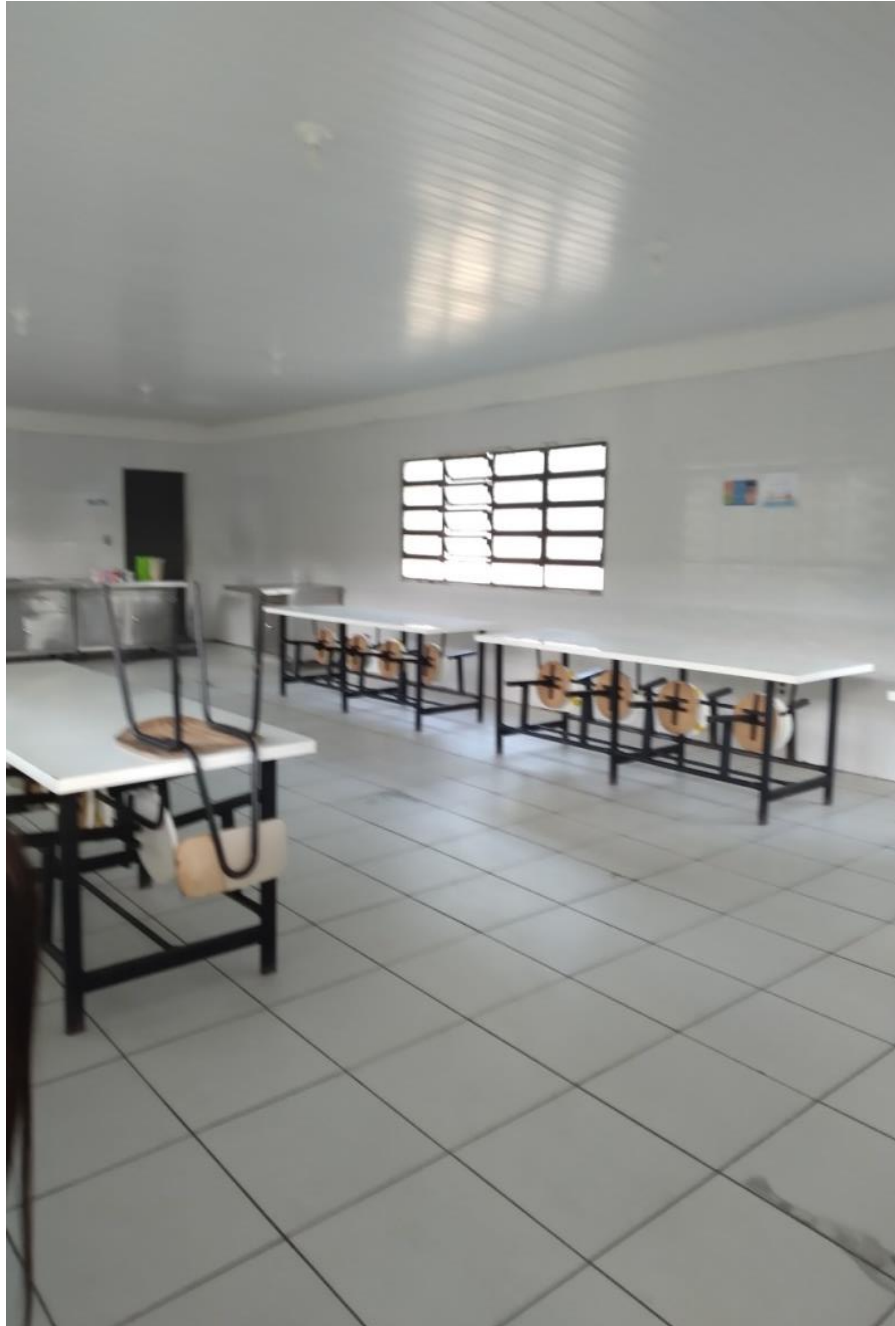
Figura 21 – Sala de Aula



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Na imagem abaixo, podemos ver o local onde todas as crianças e adolescentes fazem as suas refeições diárias.

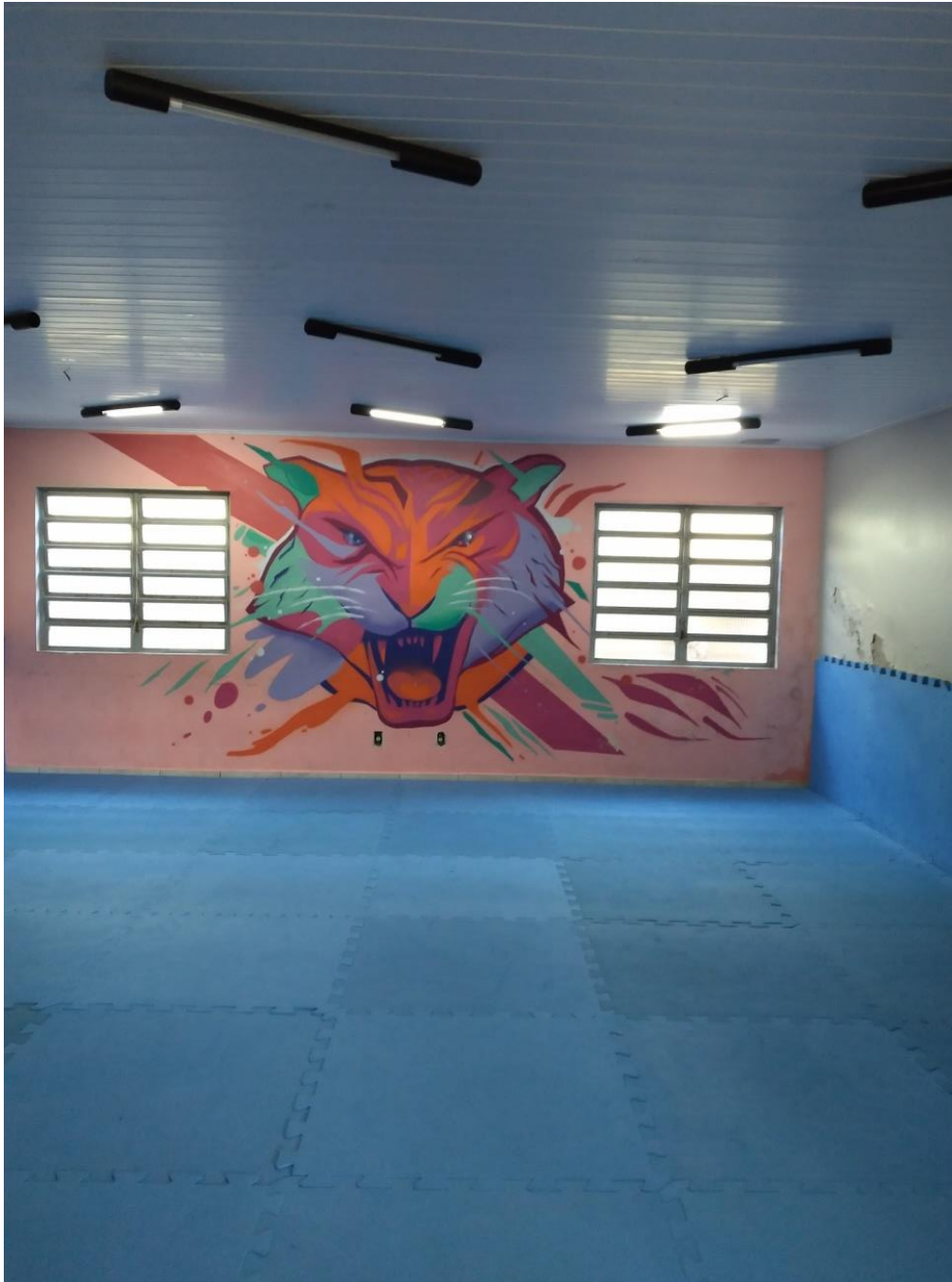
Figura 22 – Refeitório



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Espaço reservado para artes marciais, onde as crianças e adolescentes recebem cultura com disciplina

Figura 23 – Sala de Treino



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Espaço reservado para aprender a usar de forma monitorada o computador, assim como, o acesso à internet.

Figura 24 – Sala de Informática



Fonte: Imagem produzida pela autora, 2021.

Biblioteca do espaço de acolhimento, onde as crianças e os adolescentes realizam a prática tão importante da leitura

Figura 25 – Biblioteca



Fonte: Imagem produzida pela autora.

As crianças na sala de aula, desenvolvendo e aprendendo juntamente com a arte, uma forma recreativa de educação, onde são ensinadas nesse caso higiene pessoal (boca, cáries, limpeza).

Figura 26 – Tarefa realizada com as crianças



Fonte: Imagem produzida pela autora.

8 QUESTÕES SOCIAIS E PERSPECTIVAS QUE ENVOLVEM AS MULHERES PERIFÉRICAS

Rozeli passou fome como Carolina Maria de Jesus. Duas mulheres negras que apesar da diferença de gerações, suas vidas, aflições e necessidades possuem grande semelhança. É importante salientar esse fato, pois este trabalho envolve as tantas desigualdades sociais que fazem com que a vida de muitas mulheres nesse país, possua trajetórias e dores muito parecidas, mesmo com o passar dos anos. Rozeli e Carolina muitas vezes não tinham o que comer em um país onde alimentos são desperdiçados por pura irresponsabilidade, onde pessoas são negligentes quando ostentam seu dinheiro, seus carros luxuosos e viagens como se não percebessem que nesse mesmo país, muitos vivem em condições precárias, com expectativas extremamente diferentes.

Desde cedo ambas entenderam como o sistema opera, e com sua voz conseguiram mostrar essa realidade, mudando de certa forma a sociedade com a conscientização e projetos sociais.

Rozeli da Silva fala sobre a fome na entrevista da seguinte forma:

Eu passava fome, eu não estudava, a fome é a pior coisa que existe, de tudo nessa vida, o ser humano não pode ser negado um pão, um café, nada. Nem com o maior mendigo que bater no portão da tua casa, não chuta, porque ele é ser humano (Entrevista com Rozeli da Silva, moradora da Restinga, em 17/06/2021).

E Carolina em seu diário e obra Quarto de Despejo também cita a dor da fome e as suas consequências:

Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo (JESUS, 1960).

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (JESUS, 1960).

As frases de ambas possuem diversas semelhanças, duas mulheres vivendo em locais distantes, mas com uma forte visão da realidade brasileira.

Os inúmeros problemas que Rozeli passou ao longo de sua vida e poderiam levá-la a desistir do seu sonho, no entanto, ela contrariou as estatísticas. Muitas mulheres periféricas passam por dificuldades parecidas com as de Rozeli, todavia,

poucas têm o mesmo destino. A única forma de melhorar a vida dessas mulheres e de outras pessoas que se encontram em condições precárias, de vulnerabilidade, no Brasil, seria investindo em ações que promovam qualidade de vida, que combatam a fome, e auxiliem na diminuição da miséria e da pobreza. Políticas sociais que incentivem a auto-estima do indivíduo e que mostrem sua importância na sociedade, programas que estimulem a leitura e a escrita, para que entendam seus direitos. Apesar dos preconceitos, da falta de oportunidade, foi à luta da mulher periférica que a fez chegar até aqui. Trabalhando muito e abrindo mão de grande parte de sua vida, o que não deveria acontecer.

Figura 27 – Rozeli demonstrando claramente a sua felicidade e satisfação ao estar junto das crianças e adolescentes que ela tanto auxilia no dia a dia da ONG. Uma ação social que junta aprendizado com arte, cultura e valores sociais. O seu sorriso diz tudo.



Fonte: Imagem produzida por Tadeu Vilani, Agencia RBS, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/12/ong-fundada-por-gari-de-porto-alegre-renascer-da-esperanca-completa-25-anos-ck44vu7p2014s01rztpw11g65.html>.

8.1 A Geografia de mulheres e suas relações espaciais

A Geografia faz parte da minha história há um bom tempo. Nela passei a entender melhor o espaço e suas relações, compreender a forma como o mundo funciona: o capitalismo, a globalização, a pobreza e a desigualdade. Esses dois

últimos podem estar relacionados à segregação ambiental, que também é estudada na Geografia. Como possível consequência, as recorrentes inundações e deslizamentos, que a população de baixa renda enfrenta há muito tempo. Não há como abranger neste trabalho tudo o que a ciência geográfica estuda e nem seria este o objetivo, pois ela engloba diversas outras ciências. De acordo com artigo publicado por Oliveira et al (2019):

É por isso que a Geografia traz em si um caráter interdisciplinar, pois abrange um arcabouço composto por distintos saberes e conhecimentos, ou seja, ela é concebida como “[...] a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem” (CALLAI, 1998, p. 57 apud OLIVEIRA, p. 16, 2019).

Há uma divisão entre a Geografia Humana e a Geografia Física, contudo, o estudo do espaço envolve essas duas vertentes de forma essencial:

(...) é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (SANTOS, M. A, 1997).

Assim, a ciência não se reduz ao senso comum do cientista pitoresco que vive enclausurado em laboratório fazendo experimentos, sobretudo, se considerarmos a produção científica social. Na maior parte das vezes, nosso laboratório é o que chamamos trivialmente de campo, são as ruas de um bairro, um ponto comercial da cidade, uma reserva indígena, um assentamento, etc. (ZUSMAN, 2011). Se tratando da Geografia, todo fenômeno que se submete a uma espacialidade, torna-se objeto de estudo e produção de ciência (PAULA e PEDROSO, 2020, p.2).

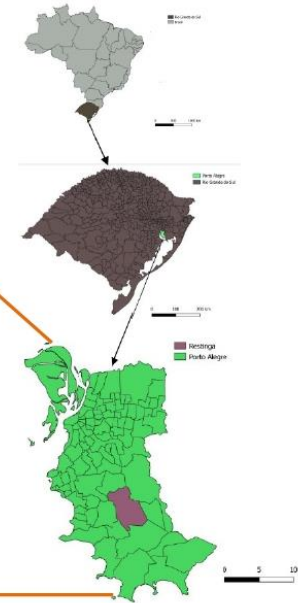
Neste trabalho trago as realidades de meninas e mulheres periféricas de nosso país e como a produção espacial de cada uma delas é representada a partir de suas experiências e vivências. Como os espaços em que elas participam são invisíveis para determinadas classes sociais e como suas necessidades possuem importantes semelhanças entre si. Suas marcas territoriais são fundamentais quando contam as suas histórias e com a Rozeli este fato não foi diferente.

Na entrevista onde ela descreve ruas e lugares que tiveram um importante significado da sua história com o bairro Restinga, realizo um mapa-narrativa. Utilizando a ferramenta Google Earth para localizar o bairro e demonstro através de uma imagem a trajetória de Rozeli. Desenvolvendo o mapa-narrativa com símbolos

que representam o espaço físico e temporal, onde assim é possível identificar os períodos marcantes que descrevem sua vida na Restinga. Suas experiências, as suas dores, o seu vínculo forte com o território e as pessoas que ali residem, suas realizações, descobertas e vitórias. Rozeli, na pesquisa de campo realizada, me revela as determinadas ruas onde passou boa parte de sua vida e que possuem um grande significado para o seu desenvolvimento pessoal e a sua trajetória. Abaixo o mapa-narrativa:

Trajetórias: Luta e Resistência de Rozeli

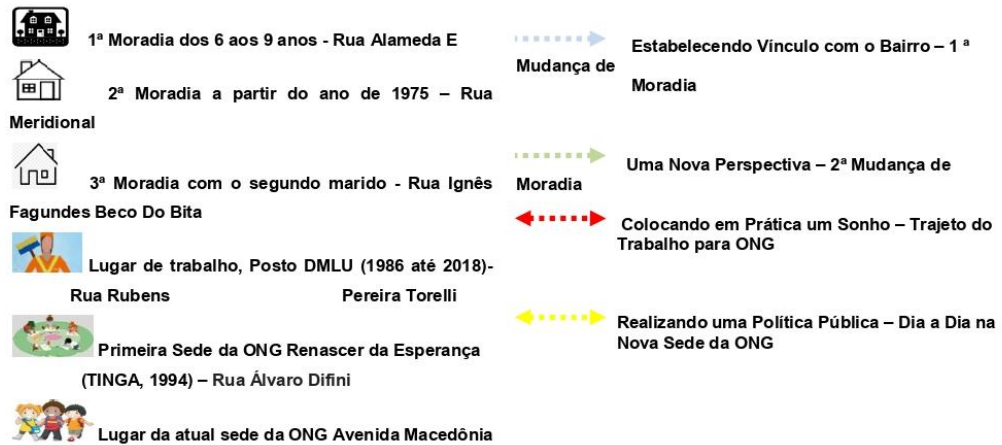
Bairro Restinga



Localidades



Caminhos Percorridos



O mapa narrativa produzido indica os caminhos percorridos por Rozeli no bairro e mostra a importância da Restinga na vida dessa mulher. Podendo essa, ser considerada uma das personalidades mais significativas tanto na cidade de Porto Alegre, como no Brasil:

- O mapa mostra Rozeli desenvolvendo vínculos ao se mudar pela primeira vez, dessa forma, conhecendo melhor a comunidade da qual faz parte. Embora tenha se ausentado por certo período, voltou ao bairro. Agora, morando na Restinga Velha, com a sua primeira gravidez, surge uma maturidade precoce. Ela precisou adquirir força suficiente para suportar as barreiras que a vida adulta apresentava.
- Rozeli em uma nova perspectiva, ao mudar-se pela segunda vez, agora residindo na Restinga Nova e trabalhando no DMLU, cresce a vontade de realizar o sonho de tornar mais humana a vida das crianças da comunidade.
- Realizando o sonho da ONG, Rozeli divide a sua rotina em trabalhar como gari e administrar o projeto que atende crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social. Com a intenção de retirá-los das ruas e proporcionar uma vida melhor.
- Mantendo uma rotina parecida com a anterior, na nova Sede, Rozeli consegue ampliar o atendimento e oferecer mais serviços que envolvam projetos sociais. Por ser um espaço próprio a “instituição” adquire um sentimento de pertencimento ao bairro, uma identidade territorial.

Grande parte da trajetória de Rozeli foi desenvolvida na Restinga e a sua principal ação social está localizada nesse bairro. Contudo, a Restinga Velha é ainda mais importante para Rozeli, provavelmente pelos momentos marcantes que passou por lá. Para Rozeli, a Restinga é tudo e com certeza para o bairro o sentimento é recíproco. A marca territorial de Rozeli é fundamental para descrever sua história, pois foi neste espaço que ela teve seus filhos e construiu raízes, parcerias, amizades, união, projetos e principalmente: desenvolveu sua identidade como uma mulher negra e periférica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, as obras literárias obtiveram um papel fundamental em todo o processo, pois foi a partir delas que tive a minha grande inspiração para o referente tema e assim adquiri maior conhecimento para escrever sobre esse determinado assunto. Meu apreço pela leitura já vem de muitos anos e por isso sou muito grata por ter tido a chance de homenagear de certa forma as obras que me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje e que foram essenciais para este trabalho.

Ao terminar de ler a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, não há palavras para descrever o que senti: um conjunto de tristeza, questionamentos, revolta, empatia, porém, principalmente esperança. E foi naquele momento que tive certeza de que o meu trabalho teria como enfoque a área social, já que ela é muito importante na minha vida.

Com a leitura do livro *Meninas da Esquina*, de autoria de Eliane de Andrade, tive certeza que o tema da minha pesquisa deveria ser a mulher, porém, com o recorte principal da mulher da periferia. Ao ler todos aqueles depoimentos das meninas, tentei me colocar no lugar delas e, ficou claro como o espaço desigual vai muito além da distância física, já que possui relação com a dor da fome, da violência, da exclusão que é tão forte e reflete em tantas outras gerações tendo conseqüências desastrosas para o país e para a vida dessas mulheres.

Apesar de citar muito determinadas obras, todas que fizeram parte do meu trabalho foram cruciais para o desenvolvimento do mesmo. Como artigos que falam sobre o feminismo, a miséria, o estudo do espaço geográfico e a sua construção, entre tantos outros importantes assuntos sociais.

O estudo da geografia feminista e de gênero me ajudou a fazer um recorte do tema mulher e os seus desafios, vivendo em uma sociedade machista, segregada e capitalista. Pois é através desse estudo que compreendemos que o papel do feminismo é diferente para cada mulher e ou um determinado grupo de mulher, pelas inúmeras especificidades femininas e os seus problemas sociais. A geografia feminista analisa e investiga a construção do espaço geográfico da mulher, as suas relações na sociedade e estuda diferentes formas onde podemos nos desenvolver, trabalhar, ter um papel na comunidade, ao mesmo tempo tentando nos “livrar” das amarras do sistema e do machismo enraizado que existe no nosso cotidiano e ainda

nessa ciência. A geografia de gênero estuda todas as diferenças das mulheres e dos homens construídas historicamente de forma segregada e que reproduzem relações de inferioridade e submissão, conforme Silva (1998). Todos esses estudos possuem objetivos muito semelhantes como tentar construir uma sociedade mais digna de se viver e com direitos iguais.

É gratificante ver o quanto esses estudos contribuem consideravelmente para a ciência geográfica, que no passado, era exclusivamente elitista, machista, branca e heterossexual. As pesquisas geográficas que se relacionam com os diferentes feminismos e sujeitos, com a construção de um espaço mais justo, que combatem a aristocracia, a subordinação e se voltam para a área social, possuem um papel importantíssimo para a sociedade que não há como mensurar.

Ao citar feminismo e construção do espaço, não podemos esquecer o estudo do território que foi fundamental para esse trabalho. Ao analisarmos o território da mulher periférica nos deparamos com a grande desigualdade espacial que perpassa pelas ruas das favelas e barracos, que estão espalhados pelo Brasil e como o território está fortemente ligado com as barreiras sociais da mulher periférica e a construção da sua personalidade. E com isso surge o corpo território, que nesse caso se relaciona com a luta e a resistência da mulher da periferia quando o seu “corpo” cria vínculos e se desloca, desenvolvendo-se em espaços espalhados pela cidade, criando assim uma identidade territorial, como o que aconteceu com Rozeli da Silva, pois não nos separamos do nosso corpo, tudo que ele faz ou sente nós fazemos e sentimos.

Ao analisar a trajetória de vida de Rozeli compreendemos o papel fundamental dessa para o bairro Restinga e para a cidade de Porto Alegre. Pois quando Rozeli se muda para a Restinga, constrói laços fortes em diferentes áreas da comunidade, e ela também estabelece uma identidade territorial com o bairro, cria-se ali um sentimento de pertencimento, uma ligação profunda, que explica certamente o desenvolvimento do seu projeto social naquele espaço. Rozeli passou momentos muito bons, contudo, também passou por experiências extremamente difíceis na Restinga e todas essas marcas e lembranças que ela leva consigo, tiveram uma grande importância no seu desenvolvimento pessoal.

As suas memórias territoriais e a sua vivência pelo bairro em geral, ajudaram a desenvolver mais empatia e solidariedade com o próximo e assim criar a sua principal ação social: a ONG Renascer.

A minha intenção neste trabalho não é de forma alguma realizar comparações entre as mulheres periféricas e sim analisar como as suas realidades se cruzam em diversos momentos da história desse país. Mostro os seus principais desafios e problemas sociais que elas precisam enfrentar diariamente, nessa sociedade de exclusão, preconceito e apatia. E como essas questões fazem com que suas vidas se assemelhem de tantas formas. Sem romantizar a luta e a força delas, mas entender que a resistência contra um espaço capitalista segregado se faz fundamental nos dias hoje. E claramente todas as trajetórias das mulheres periféricas nesse país merecem respeito e demonstram a importância e particularidade de cada uma para a construção de um país mais justo.

Para esse quadro de grande desigualdade social que assola o país por tanto tempo e não só com as mulheres em vulnerabilidade social, obter melhorias, a minha defesa será sempre pelas políticas públicas. A fome, o preconceito, as diversas formas de violência contra indivíduos de baixa ou nenhuma renda se mostram presentes na sociedade e é preciso dar mais importância para essas questões. Pesquisas são fundamentais para a criação de ações sociais concretas. Visitar os espaços onde as pessoas com maiores necessidades vivem, entrar em favelas e barracos, diferentes territórios, espalhados pelo país e entender quais são as suas prioridades mais imediatas é fundamental.

Para haver uma mudança é preciso realizar um trabalho de campo qualificado, porém, enquanto não existir recursos suficientes e a burocracia for ainda um empecilho para desenvolver muitos projetos sociais precisamos “contornar” o problema com profissionais honestos e empáticos, pois profissionais impacientes e sem perspectiva dificultam ainda mais a melhoria destes serviços e no atendimento as pessoas. O caminho obviamente é longo e muito difícil, mas precisamos ser resistentes, não nos deixar se corromper pelo sistema, mesmo sabendo que a teoria e a prática possuem grandes diferenças no dia a dia, contudo, de forma alguma deixar de sermos justos, compreensivos e otimistas.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Violência contra a mulher**. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/mulheres-negras-morrem-mais-de-forma-violenta-que-as-brancas/>>. Acesso em: 8 maio 2021.
- ANAIS DO CIEIA. Vilas de Malocas e Bairro Restinga: a versão dos removidos sobre o plano de confinamento em vila de transição - eugenia na Porto Alegre de 1960*. **Anais do XI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos (CIEIA)**- 17 a 19 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cieia/assets/edicoes/2017/arquivos/36.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ANDES SINDICATO NACIONAL. **Atlas da Violência 2020 denuncia aumento no homicídio de pessoas negras no país**. 02.09.2020. Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/atlas-da-violencia-2020-denuncia-aumento-no-homicidio-de-pessoas-negras-no-pais1>>. Acesso em: 8 maio 2021.
- ANDRADE, Eliane. **Meninas da esquina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- AQUINO, Ana Carla de Lima. Da geografia feminista à mulher periférica na atualidade. VII Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe. **Revista Espirales, Edição Especial**. Janeiro 2021. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2676>>. Acesso em: 10 maio 2021.
- BONETTO, Helena – Lugares invisíveis do bairro restinga: a participação política das lideranças comunitárias no orçamento participativo de Porto Alegre. **Para Onde!?**, 8 (2): 85-92, ago./dez. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/paraonde>>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- BRASIL DE FATO. **Cor, gênero e classe: os desafios da mulher preta**. Catarina Barbosa. Belém (PA). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/cor-genero-e-classe-os-desafios-da-mulher-preta>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. **68% das mulheres encarceradas no Brasil são negras**. Redação Revista Fórum. 19/06/2019. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/mercado-de-trabalho-comercio-servicos/25090/68-das-mulheres-encarceradas-no-brasil-sao-negras>>. Acesso em: 8 maio 2021.
- CORRÊA, Leticia Xavier; HECK, Adalberto da Rocha - Segregação Racial: O lugar do negro em Porto Alegre/RS - O bairro Rubem Berta. Anais XVIII ENANPUR 2019. Natal, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais>>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- D`AVILA, Naida. **DEM HAB: com ou sem tijolos, a história das políticas habitacionais em Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.

DIÁRIO GAÚCHO. **Ex-gari Rozeli da Silva dá depoimento em capítulo de Viver a Vida**. 5/12/2009. Disponível em:

<<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/noticia/2009/12/ex-gari-rozeli-da-silva-da-depoimento-em-capitulo-de-viver-a-vida-2750203.html>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FERNANDES, Talita; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Rua, Corporeidades e Multiplícidades: Experiências de mulheres em situação de rua na cidade de Pelotas/RS.

Revista da ANPEGE. v. 17. n.º. 32, p. 195 - 216, ANO 2021. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege>>. Acesso em: 25 out. 2021.

FIGUEIREDO, Roberta de Melo. **TERRITÓRIOS NOTURNOS DE VIDAS “IMPURAS”: Prostituição e Territorialidade Travesti em Governador Valadares – MG**. Monografia. Universidade Federal de Viçosa Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Geografia. Viçosa, 2009. Disponível em: <<https://www.novoscursos.ufv.br/graduacao/ufv/geo/www/wp-content/uploads/2013/08/Roberta-de-Melo-Figueiredo.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

G1. GLOBO. **Reportagem - IBGE (2019): Brasil tem quase 52 milhões de pessoas na pobreza e 13 milhões na extrema pobreza**. Disponível:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/12/ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoes-na-extrema-pobreza.ghtml>>. Acesso em: 10 mar. 2021

GALILEU GLOBO. **Reportagem: Quem foi Carolina de Jesus, que completaria 105 anos em março**. 23.03.2021. Marília Marasciolo. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-que-completaria-105-anos-em-marco.html>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GAMALHO, Nola Patrícia. **A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no bairro Restinga– Porto Alegre/ RS**, 2008.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16658/000704164.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

GAÚCHA ZH. **Porto Alegre ainda tem pedras e blocos de concreto para tentar impedir que moradores de rua se instalem sob viadutos**.09/02/2021. Tiago Boff. Disponível:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/02/porto-alegre-ainda-tem-pedras-e-blocos-de-concreto-para-tentar-impedir-que-moradores-de-rua-se-instalem-sob-viadutos-ckky6yyyi0035019wffkrh3m5.html>>. Acesso em: 20 out. 2021.

GAÚCHA ZH. **Desigualdade de renda aumenta 3,1% na Grande Porto Alegre no final de 2020**. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2021/05/desigualdade-de-renda-aumenta-31-na-grande-porto-alegre-no-final-de-2020-ckohrt60t003h0180sfou486y.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GAÚCHA ZH. **Do espinho ao asfalto**. Disponível: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/restinga/a-reportagem.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

GAÚCHA ZH. **Número de pessoas em situação de Rua em Porto Alegre aumentou 38,73% em 2020**. Disponível: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/03/numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-em-porto-alegre-aumentou-3873-em-2020-ckluyq6b5004g0198z9tq0xzj.html>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GAÚCHA ZH. **ONG fundada por gari de Porto Alegre, Renascer da Esperança completa 25 anos**. 14/12/2019. Elana Mazon. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/12/ong-fundada-por-gari-de-porto-alegre-renascer-da-esperanca-completa-25-anos-ck44vu7p2014s01rztpwl1g65.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GAÚCHA ZH. **A Reportagem**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/restinga/a-reportagem.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>>. Acesso em: 5 out. 2021.

IBGE - SENSO 2010. Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IBGE. Informativo nº 41: Estudos e Pesquisas. Informações Demográficas e Socioeconômicas. **Desigualdade Social por Cor ou Raça no Brasil**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

IBGE. Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Educação 2019 – PNAD. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2020**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acesso em: 8 maio 2021.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. 1. Ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, Editora S.A., 1960.

LIMA, Renata Miranda; SANTOS, Isolda Pereira dos. As questões das mulheres periféricas sob um olhar de pesquisadoras periféricas. Congresso 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11 – Transformações, Conexões, Deslocamentos. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017. Disponível em: <www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/150385...>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MEDEIROS, J. Do “Feminismo Popular” ao “Feminismo Periférico”: Mudanças estruturais em contrapúblicos da zona leste de São Paulo. *Revista Novos Rumos Sociológicos. NORUS*, vol. 7, nº 11, Jan/Ago/2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335586017_DO_FEMINI...>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MITTANCK, Vanuza Alves. As Mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. Congresso 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11 – Transformações, Conexões, Deslocamentos. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017. Disponível em: <www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/149947...>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. (2015). **Manifesto**. Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

NOVAES, Elizabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. *História e Cultura, Franca*, v. 4, n. 3, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/artic...>>. Acesso em: 20 maio 2021.

OLIVEIRA, Émerson Dias de; SOUZA, Tamila Eduarda; ALMEIDA, Milena Ferreira Almeida; TAVARES, Halana Rafaela Rocha. O papel e a importância da ciência geográfica enquanto ferramenta de emancipação social: o contexto escolar. **Revista de Geografia (Recife)** V. 36, No. 3, 2019. Disponível: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/241183>>. Acesso em: 10 set. 2021.

ONG RENASCER DA ESPERANÇA. Disponível em: <<https://www.renasceraesperanca.org/>>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

OPEN EDITION JOURNALS. Origens da segregação racial no Brasil. Reinaldo José de Oliveira y Regina Marques de Souza Oliveira. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/alhim/5191>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PAULA, Larissa Araújo Coutinho de; PEDROSO, Mateus Fachin. Gênero em espacialidades geográficas: trajetórias e coetaneidade. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** – Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 5-19, mar, 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7341>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PENHA, Maria. **Sobrevivi... posso contar**. 2 ed. Fortaleza, CE: Armazém da Cultura, 2012.

PORTAL GELEDÉS. **Rozeli da Silva: A mulher que foi mãe aos 13 anos e hoje tem mais de 300 ‘filhos’**. 08/04/2018. Caroline Biccocchi / ESPECIAL PARA O HUFFPOST BRASIL. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/rozeli-da-silva->

mulher-que-foi-mae-aos-13-anos-e-hoje-tem-mais-de-300-filhos/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica** – A senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REPROLATINA. Vivendo a adolescência. Disponível: <<http://www.adolescencia.org.br/news/reprolatina-em-acao/2021-02-01/semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Morais. Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)**. V.11, n.15, jan-jun.2015. Disponível em: <ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6452>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SILVA, Joseli Maria. Geografias Feministas, Sexualidade e Corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Revista Espaço e Cultura (uerj.br)**. Rio de Janeiro: UERJ, RJ. Acesso em: 10 de jun. 2021.

SILVA, Susana Maria Veleda. Geografia e gênero/geografia feminista. O que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, março, 1998.

SILVA, Rozeli da. **Rozeli, Mulher-periférica, criadora da ONG Renascer da Esperança**. [Entrevista concedida a Marina Rodrigues Maciel]. Porto Alegre: 17 de junho de 2021.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS. **Em 2018, foram registrados 1.206 feminicídios no Brasil**. Redação Spbancarios / 16/09/2019. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/09/2019/em-2018-foram-registrados-1206-feminicidios-no-brasil>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SOUZA, Celina. A Introdução Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/6YsWyBWZSdFgfSqDVQhc4jm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

TIENE, Izalene. **Mulher moradora de rua** – entre vivências e políticas sociais. 1. Ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

TRIBUNA HOJE. **Campanha “Pilar do Preto” celebra semana da Consciência Negra**. Maceió. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/noticias/interior/2021/11/17/campanha-pilar-do-preto-celebra-semana-da-consciencia-negra/>>. Acesso em: 10 jun. 2021.